

IMAGO, ACTUS ET VERBUM

Desafios e interrogações nos Estudos Medievais:
um diálogo interdisciplinar entre filologia, filosofia,
história, arte e literatura

Filipe Alves Moreira
Francisco José Díaz Marcilla
Joana Matos Gomes
Paulo Catarino Lopes, eds.



*IMAGO,
ACTUS ET VERBUM*

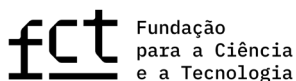
Desafios e interrogações nos Estudos Medievais:
um diálogo interdisciplinar entre filologia, filosofia,
história, arte e literatura

*IMAGO,
ACTUS ET VERBUM*

Desafios e interrogações nos Estudos Medievais:
um diálogo interdisciplinar entre filologia, filosofia,
história, arte e literatura

FILIPPE ALVES MOREIRA
FRANCISCO JOSÉ DÍAZ MARCILLA
JOANA MATOS GOMES
PAULO CATARINO LOPES
Editores

Lisboa 2024



Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto Estratégico do IEM – Referência UIDB/00749/2020 / DOI 10.54499/UIDB/00749/2020 (<https://doi.org/10.54499/UIDB/00749/2020>); UIDP/00749/2020 / DOI 10.54499/UIDP/00749/2020 (<https://doi.org/10.54499/UIDP/00749/2020>).

Título *IMAGO, ACTUS ET VERBUM* – Desafios e interrogações nos Estudos Medievais: um diálogo interdisciplinar entre filologia, filosofia, história, arte e literatura

Editores Filipe Alves Moreira, Francisco José Díaz Marcilla, Joana Matos Gomes, Paulo Catarino Lopes

Edição IEM – Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH)

Imagem da capa © Vasyl Rogan | Dreamstime.com

Coleção Estudos 33

ISBN 978-989-35379-1-6 (IEM)

Design e execução Ana Pacheco

Formato Eletrónico

Cartografias do incerto. Trajetórias e desafios de uma (in)disciplina

Carlos F. Clamote Carreto

NOVA FCSH, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição
ccarreto@fcsb.unl.pt

Resumo

Por entre um certo ar de família que cria em nós uma estranha sensação de *déjà vu* e a perplexidade sentida face a uma intransponível alteridade, a literatura medieval lança-nos perpetuamente num labirinto de espelhos onde tanto a semelhança como a dissemelhança podem gerar equívocos, enganos ou ilusões. Neste sentido, mais do que um desafio à compreensão do texto medieval, as diversas abordagens teórico-críticas que se têm sucedido ao longo dos últimos cem anos, da *École des Annales* aos estudos globais, passando pelas várias declinações da filologia, da psicanálise, da mitocrítica ou dos *Cultural Studies*, têm-se revelado um instrumento privilegiado para repensar as ciências sociais e humanas e o próprio fenómeno literário. Entre rasgos epistemológicos e fechamentos, continuidades e ruturas, tensões e aporias, a maravilhosa aventura dos estudos medievais conta-nos assim a história de uma verdadeira indisciplina.

Palavras-chave

exegese do texto medieval; história e teoria da literatura; estudos medievais; horizontes teóricos e epistemológicos

Nota biográfica

Carlos F. Clamote Carreto é Professor Catedrático do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa onde desempenha atualmente as funções de

Subdiretor e de Presidente do Conselho Pedagógico. Para além de investigador e subdiretor científico do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, é também membro colaborador do Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH). Os seus principais campos de lecionação e de investigação cruzam a literatura e a cultura francesas, a teoria da literatura, os estudos medievais e os estudos sobre o imaginário. É membro do conselho editorial e da comissão científica de várias revistas ligadas aos estudos literários e interartes (*Sigila. Revue transdisciplinaire franco-portugaise sur le secret; Carnets. Revue électronique d'Études Françaises; Synergies Portugal; e-Letras com Vida. Revista de Estudos Globais; Revista Dobra. Literatura, Artes, Design*). As suas publicações têm incidido principalmente sobre as relações dinâmicas entre tradição, mito e literatura com particular enfoque na narrativa medieval (séculos XII-XV).

Cartographies of the uncertain. Trajectories and challenges of an (in)discipline

Abstract

Between a certain family atmosphere that creates in us a strange sense of *déjà vu* and the perplexity experienced in the presence of an unsurpassable otherness, medieval literature perpetually drives us into a labyrinth of mirrors where both similarity and dissimilarity may generate ambiguities, misconceptions, and illusions. In this regard, more than a challenge to the comprehension of the medieval text, the various theoretical and critical approaches that have succeeded over the last hundred years, from the *École des Annales* to the global hermeneutics, including the various declinations of philology, psychoanalysis, mythocriticism or cultural studies, have proven to be a privileged instrument for rethinking the social sciences and humanities and the literary phenomenon itself. Between epistemological ruptures and closures, continuities and disruptions, tensions and aporias, the wonderful adventure of medieval studies tells us the story of a true indiscipline.

Keywords

exegesis of the medieval text; history and theory of literature; medieval studies; theoretical and epistemological approaches

Biographical note

Carlos F. Clamote Carreto is a Full Professor at the Department of Modern Languages, Cultures and Literatures of the Faculty of Social Sciences and Humanities of Universidade NOVA de Lisboa, where he currently fulfils the roles

of Deputy Director and President of the Pedagogical Council. As well as being a researcher and deputy scientific director of the Institute for the Study of Literature and Tradition, he is also a collaborating member of the Institute for Medieval Studies (NOVA FCSH). His main fields of teaching and research are French literature and culture, literary theory and criticism, medieval studies and studies on the imaginary. He is a member of the editorial board and scientific committee of several journals linked to literary and inter-arts studies (*Sigila. Revue transdisciplinaire franco-portugaise sur le secret*; *Carnets. Revue électronique d'Études Françaises*; *Synergies Portugal*; *e-Letras com Vida. Revista de Estudos Globais*; *Revista Dobra. Literatura, Artes, Design*). His publications have mainly focussed on the dynamic relationships between tradition, myth and literature, with a particular focus on medieval narrative (12th-15th centuries).

“Aceitar a situação de tempo médio é condição de futuro: em tempos de (re) começo com memória do passado, procuramos relançar o futuro, tentando chegar àquilo que ainda não somos. Cada geração entrega às seguintes aquilo que foi capaz de guardar. Cabe-nos prolongar o eco dos que nos precederam e devolver-lhes a voz que o tempo não deixou prolongar, mas também não conseguiu apagar”.

*Aires A. Nascimento*¹

“La médiévistique est moins une discipline qu’une obligation à s’ouvrir à d’autres discipline et à d’autres savoirs”.

*Francis Gingras*²

“Integumentum vero est genus demonstrationis sub fabulosa narratione veritatis claudens intellectum, unde et involcrum dicitur”.

*Bernardo Silvestre*³

¹ NASCIMENTO, Aires A. – “Idade Média, do outro lado do espelho: os textos e o leitor, por entre trabalhos de vários dias”, in Isabel Barros Dias, *et al.* (ed.) – *O Medievalismo no Século XXI*. Berlim: Peter Lang, 2020, 15-55, citação pp. 44-45.

² GINGRAS, Francis – *Profession médiéviste* [em linha]. Montréal: Presses de l’Université de Montréal, 2014. Disponível em <http://books.openedition.org/pum/192> [consultado a 12 de novembro de 2024].

³ Prefácio ao *Commentum super sex libros Eneidos Virgilio*, apud DRONKE, Peter – *Fabula: Explorations into the Uses of Myth in Medieval Platonism*. Leiden: E. J. Brill, col. *Mittellateinische Studien & Texte*, 1974, 25.

Tensões e aporias

Por entre um certo ar de família que cria em nós uma estranha sensação de *déjà vu*⁴ e a perplexidade sentida face a uma intransponível alteridade, a literatura medieval lança-nos perpetuamente num labirinto de espelhos onde tanto a semelhança como a dissemelhança podem causar equívocos, enganos ou ilusões⁵. É certo que o trabalho trans-histórico de comparação entre textos do passado e textos mais próximos da nossa época se reveste sempre de certo grau de anacronismo. É inegável, por outro lado, que o anacronismo é uma condição inerente a toda a atividade crítica e hermenêutica, irremediavelmente imbuída de subjetividade e de uma visão do mundo (com os seus pressupostos teóricos e os seus conceitos operativos próprios) marcada pelo espaço e o tempo na qual se constrói. Nesta perspetiva, a exumação (impossível) do sentido de um texto medieval implica necessariamente assumir o risco controlado do anacronismo enquanto “rencontre, mélange, sédimentation de temps hétérogènes : [...] tout à la fois le temps de la lecture, le temps de la recherche, le temps des textes, mais aussi le temps des “œuvres” médiévales elles-mêmes, qui se sont continûment pensées dans le mouvement d’une *translatio* à la fois culturelle, esthétique, politique et idéologique”⁶ e resposta à indelével resistência e alteridade constitutivas de toda a poesia.

Provavelmente por estarem destinados a vaguear e a estabelecer mediações entre o presente e o passado, o próximo e o distante, o conhecido e o insondável, os estudos medievais sempre se caracterizaram por uma profunda indisciplina⁷ e

⁴ “La facilité trompeuse avec laquelle ce déjà-vu se laisse museler à notre porte, enliser dans nos ressemblances. Or, la (seule ?) chance de survie de nos études réside dans une remise en question de la proximité médiévale ; non pour affirmer ce qui reste, à vue de Sirius, l’évidence, mais afin de fonder un intérêt pour ce déjà-vu en tant que tel” (ZUMTHOR, Paul – *Parler du Moyen Âge*. Paris: Éditions de Minuit, 1980, 37). Posição semelhante era já defendida por Hans-Robert Jauss em 1977: “L’altérité de la littérature médiévale, c’est l’expérience réfléchie de la distance et de la qualité historique de cette époque si singulièrement et si exemplairement isolée au point de vue politique et social aussi bien que culturel. [...] Si on délivre la littérature du Moyen Âge des illusions de la continuité, alors apparaissent des caractères particuliers posant à la réflexion herméneutique des problèmes qui passent l’horizon théorique des tenants des vieilles méthodes historico-philologiques ainsi que celui des nouvelles méthodes structuralistes” (JAUSS, Hans-Robert – “Littérature médiévale et expérience esthétique. Actualité des Questions de littérature de Robert Guette”. *Poétique*, 31 (1977), 323). Sobre esta matéria, ver as reflexões de DELALE, Sarah – “La transmission universitaire des textes médiévaux : pleine propriété ou usufruit d’un héritage ? Imaginaires critiques du proche et du lointain”, *Perspectives médiévales* [em linha], 36 (2015). Disponível em <http://journals.openedition.org/peme/7454> [consultado a 12 de novembro de 2024].

⁵ A advertência não puramente retórica: numa interessante passagem do segundo livro dos seus *Soliloquios* (II, 5), já Santo Agostinho alertava para o facto de o simulacro e o erro não terem apenas origem na dissemelhança entre o modelo e a sua representação, a semelhança sendo igualmente uma poderosa causadora de enganos produzidos pela ilusão mimética (“*Similitudo igitur rerum quae ad oculos pertinet, mater est falsitatis*”).

⁶ KOBLE, Nathalie; SÉGUY, Mireille – “Laudace d’être médiéviste”. *Littérature* [em linha], 148 (2007), 3-9. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-litterature-2007-4-page-3.htm#> [consultado a 12 de novembro de 2024].

⁷ “Les études médiévales apparaissent [...] comme une occasion de fugue hors de ce qui pourrait devenir un carcan disciplinaire ; elles sont comme une obligation à aller voir ailleurs et rendent légitime l’exploration

insubordinação de que não pretendo aqui estabelecer uma cronologia exaustiva⁸, mas apenas de esboçar um breve balanço.

Com a fundação, em 1929, da revista *Annales d'histoire économique et sociale* sob a égide de Marc Bloch e de Lucien Febvre, a História medieval abriu-se precocemente, como sabemos, ao diálogo interdisciplinar com a sociologia, a economia, a demografia e a etnografia. Esta tendência acentua-se em finais dos anos sessenta, altura em que se afirma, alimentada pelo estruturalismo em voga e os trabalhos de Claude Lévi-Strauss, nomeadamente, a “Nova História” (Georges Duby, Emmanuel Leroy Ladurie, Jacques Le Goff, entre muitos outros) que assume nítidos contornos antropológicos e se centra claramente no estudo das representações mentais e culturais, abrindo caminho, como sabemos, a uma história do imaginário. Neste sentido, como observa Francis Gingras⁹, a medievística sempre esteve no centro (e, por vezes, na origem) das principais transformações teóricas e epistemológicas que marcaram, da história das mentalidades à microhistória, a historiografia francesa. Apesar do desafio que Hans-Robert Jauss lançara desde 1977¹⁰, apelando a um desenclausuramento disciplinar e a uma reavaliação/atualização das ferramentas metodológicas e conceptuais de acordo com as teorias literárias mais atuais, e das sugestões de Paul Zumthor, que via na literatura medieval (olhada através do seu próprio percurso crítico) um instrumento teórico privilegiado para (re)pensar o fenómeno literário e ficcional contemporâneo¹¹, constatamos que o processo de renovação dos modelos teóricos no campo literário foi bem mais lento e assimétrico, apresentando-se, durante todo o século XX, como um campo profundamente dividido entre duas tradições críticas: a Teoria e a História, de acordo com a dicotomia adotada por Antoine Compagnon e inspirada de Charles Augustin Sainte-Beuve¹², dinâmicas de produção e contextos de criação, enfoque sobre o texto ou sobre o universo extratextual.

hors des frontières établies par la division des savoirs universitaires. Loin de condamner l'exkursus, les études médiévales y incitent, L'indiscipline du médiéviste est son principal atout” (Gingras, *Profession médiéviste...*).

⁸ VALETTE, René (ed.) – *Perspectives médiévales*. Número comemorativo, *Trente ans de recherches en langues et en littératures médiévales*, 2005.

⁹ Gingras, *Profession médiéviste...*

¹⁰ Jauss, “Littérature médiévale...” (ver nota 25).

¹¹ Zumthor, *Parler du Moyen Âge...*, 13.

¹² “Deux traditions des études littéraires ont alterné depuis le xix^e siècle en France, ainsi que dans cette maison [o Collège de France] [...]. *Théorie et histoire*, vous l'entendez, c'étaient les termes de Sainte-Beuve pour désigner les deux ‘manières’ de la critique, l'ancienne et la nouvelle [...]. À la fin du xx^e siècle, la vieille dispute de l'histoire et de théorie, ou de la philologie et de la rhétorique, variante tardive de la Querelle des anciens et des modernes, n'eut enfin plus lieu d'être. Roland Barthes, qui s'était longtemps méfié de l'émotion et de la valeur, revint vers elles dans ses cours du Collège de France et dans ses derniers livres. Puis Marc Fumaroli, par le biais de l'histoire de la rhétorique, réconcilia superbement les deux grandes traditions consubstantielles de l'étude littéraire” (COMPAGNON, Antoine – *La littérature, pour quoi faire ? Leçon inaugurale prononcée le jeudi 30 novembre 2006* [em linha]. Paris: Collège de France, 2007. Disponível em <http://books.openedition.org/cdf/524> [consultado a 12 de novembro de 2024]).

Tanto por motivos culturais como institucionais e ideológicos, o estudo e o ensino da literatura medieval foram durante largos anos dominado pela história literária e a filologia. Entenda-se por história literária, a longa e tenaz tradição de cunho positivista e biografista¹³ marcada por uma visão etnocêntrica e nacionalista da literatura francesa no seio da qual a Idade Média constituía a origem da língua nacional cujo génio viria a incarnar na língua pura, cristalina e de contornos quase geométricos exaltada mais tarde por Boileau ou Du Bellay. Esta é a conceção de Gustave Lanson na sua *Histoire de la littérature française* (1894) e, de forma mais extremada ainda, a de Désiré Nisard cujo projeto de história literária (publicado em três volumes entre 1844 e 1861) assume uma vertente explicitamente patriótica que tece, desde as primeiras linhas, um laço indissolúvel e duradouro (no imaginário crítico e até pedagógico) entre língua, nação e literatura (“L’histoire littéraire commence, pour ainsi dire, avec la nation elle-même, avec la langue. Elle ne cesse que le jour où la nation a disparu, où sa langue est devenue une langue morte”¹⁴) e constrói um modelo linguístico e poético cuja pureza e unidade nascem com o Renascimento, a Idade Média ficando relegada à esfera mais ou menos nebulosa das origens imperfeitas (e impuras), ingénuas e balbuciantes da literatura¹⁵. Quanto à filologia revela-se, num primeiro momento, dominada pelo modelo da École des Chartres cujo programa prevê a leitura dos textos medievais (paleografia) acompanhada por um trabalho crítico, ambos percorridos pelo desejo de emendar

¹³ “L’étude de la littérature ne saurait se passer aujourd’hui d’érudition : un certain nombre de connaissances exactes, positives, sont nécessaires pour asseoir et guider nos jugements. D’autre part, rien n’est plus légitime que toutes les tentatives qui ont pour objet, par l’application des méthodes scientifiques, de lier nos idées, nos impressions particulières, et de représenter synthétiquement la marche, les accroissements, les transformations de la littérature. Mais il ne faut pas perdre de vue deux choses : l’histoire littéraire a pour objet la description des individualités” (LANSON, Gustave – *Histoire de la littérature française*. Paris: Hachette, 1894, vii). A edição consultada [de 1895] está disponível em linha no site da Gallica: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34121565> [consultado a 12 de novembro de 2024].

¹⁴ NISARD, Désiré – *Histoire de la littérature française*. vol. I. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1854, 2. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k28947f> [consultado a 12 de novembro de 2024].

¹⁵ “Tout ce qui est antérieur à la Renaissance appartient à l’histoire de la langue, de l’instrument qui servira quelque jour à exprimer des idées générales. Ce sont nos origines intellectuelles, qui peuvent ne point toucher les autres nations, lesquelles ne sont intéressées qu’à notre maturité, parce que c’est le bien commun de l’Europe moderne. Mais l’étude de ces origines est un digne sujet pour nous ; car c’est là que nous reconnaissons, dans toute leur naïveté, les caractères que tire l’esprit français du sol même de la France, des mœurs locales, des diverses circonstances de la formation de notre pays en corps de nation ; c’est là que nous entrevoyons la forme particulière que va recevoir l’esprit humain représenté par l’esprit français. Une histoire de la littérature française où ces origines n’auraient pas leur place manquerait de ce qui doit en former l’introduction naturelle. Si l’art est l’expression des vérités générales dans un langage définitif les vérités de cet ordre et les termes qui ont servi à les exprimer n’étant pas sujets à changer ni à périr, il suit que l’histoire d’une littérature est l’histoire de ce qui n’a pas cessé, dans les œuvres littéraires d’une nation, d’être vrai, vivant, d’agir sur les âmes, de faire partie essentielle et permanente de l’enseignement public. Mais cela même n’est-ce pas le fonds n’est-ce pas l’âme de la nation ? Ce que nous avons à étudier, à caractériser avec précision, c’est le fonds même c’est l’âme de notre France, telle qu’elle se manifeste dans les écrits qui subsistent. C’est cet esprit français qui est une des plus grandes puissances du monde moderne” (Nisard, *Histoire...*, 8-9).

o erro, a lacuna, de reconstruir a memória¹⁶. A criação da revista *Romania* em 1872 por Gaston Paris e Paul Meyer marca uma viragem decisiva e algo subversiva ao romper com a tradição universitária das *Belles Lettres* e da Retórica, e ao aliar a edição dos textos a uma análise histórica e comparativa das línguas num espaço cultural e identitário mais alargado (a *Romania*). Tanto na sua vertente tradicionalista (representada por nomes como Gaston Paris ou Léon Gautier) como individualista (Joseph Bédier, por exemplo), tanto na sua expressão mais intervencionista como mais conservadora, a filologia românica procedeu, com efeito, a um notável trabalho de arqueologia textual. No entanto, neste esforço de reconstituição de uma genealogia transparente, embora intrincada, para o texto, perdia-se frequentemente a especificidade do fenómeno literário na Idade Média diluído numa miríade de fontes ou no sonho de reconstruir utopicamente um *Urtext* perdido (pensemos ao famoso *Roman de Tristan et Iseut* de J. Bédier, publicado em 1900 com prefácio de Gaston Paris).

As décadas de 1950 e 1960 constituem um ponto de viragem importante na conceção do texto medieval: em 1948, Ernst Robert Curtius publica a sua notável obra *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter* e, juntamente com outros críticos tais como Erich Auerbach, Leo Spitzer ou Umberto Eco (que defende a sua tese de doutoramento sobre a estética em São Tomás de Aquino em 1954), contribui para uma decisiva transferência de foco que passa do contexto (a História de que falara A. Compagnon na esteira de Sainte-Beuve) para o texto (a Teoria), considerado já não apenas como um documento histórico-linguístico, mas como um complexo dispositivo de representação. Esta concentração sobre o texto – que remonta a Proust, no seu famoso *Contre Sainte-Beuve*, e aos Formalistas Russos para desaguar no textualismo da *Nouvelle Critique*, passando pelo Estruturalismo e a Semiótica, e que beneficia fortemente dos conceitos operativos desta recente ciência da linguagem que se desenvolve a partir de Saussure e do Círculo Linguístico de Praga – representou uma etapa decisiva na história dos estudos literários enquanto disciplina científica libertada do espectro da falácia subjetiva e da sua excessiva subordinação à tutela aos modelos da retórica e da filologia (essencialmente da filologia clássica), considerados pouco produtivos, pelo menos de um ponto de vista hermenêutico. A reivindicação da autonomia textual, da sua nuclearidade no seio de

¹⁶ Lê-se no programa da *Bibliothèque de l'École des Chartes* de 1939: “Nos travaux se diviseront naturellement en deux classes, selon qu'ils appartiendront plus spécialement à la paléographie ou à la critique. Dans l'une seront rangés les monuments inédits de toute nature : fragments d'auteurs anciens, morceaux de la littérature du Moyen Âge, poésies des troubadours et des trouvères, chroniques et histoires, chartes, diplômes, inscriptions, etc. L'autre comprendra toutes les questions de critique historique ou littéraire et de philologie ; mémoires sur des faits peu connus ou altérés ; contrôles des assertions inexactes avancées par les historiens ; biographies de personnages importants et oubliés ; restitutions de textes corrompus, recherches sur les anciens dialectes de la France” (*apud* ESPAGNE, Michel – “L'invention de la philologie. Les échos français d'un modèle allemand”. *Histoire, Épistémologie, Langage*, 19, 1 [1997], 129).

uma dinâmica de significação, teve, no caso da literatura francesa medieval, um duplo efeito extremamente positivo. Por um lado, o de reconhecer o estatuto singular da ficção em língua vernácula erguida a prática da escrita a partir de finais do século XI (época coincidente com a “Reforma” Gregoriana), ou seja, enquanto processo centrado na literariedade. Entenda-se esse conceito não no sentido restrito e técnico que lhe conferira Roman Jakobson no seu estudo sobre a nova poesia russa de 1921, mas sim como jogo complexo sobre a *littera*, encarnação vibrante do sentido, que corporiza, por um lado, um distanciamento em relação às práticas textuais latinas e neolatinas e, introduz, por outro lado, mudanças profundas nos mecanismos de formação do saber e dos modos de pensamento¹⁷. A *literatura*, em articulação com a cultura oral através da qual se realiza e com a qual coabita, introduz assim uma nova forma de simbolizar e de problematizar o mundo e o sentido. O estudo da literatura medieval numa perspetiva poética ou formal¹⁸ passava a justificar-se, de certo modo, por uma predisposição interna do próprio texto medieval. Como sublinha Robert Guiette¹⁹:

“On ne saurait assez le répéter : si l’examen attentif de la chanson courtoise aboutit à la constatation d’une poésie formelle, c’est que s’y manifeste une pratique assez particulière de la poésie : elle implique un art et une rhétorique d’autant plus apparents que les sujets traités sont fixes, sont des lieux communs, assez peu nombreux pour que soit évitée absolument l’impression d’une matière neuve, et que tout l’attrait provienne, non, comme certains le suggèrent à propos du rythme, d’une régularité de la forme ou du vers, mais d’une invention formelle tant dans l’organisation thématique que dans le chant. Se servant de matériaux traditionnels et de lieux communs, le poète donne au langage le pouvoir de se transformer en puissance de rénovation : le lieu commun grâce à la forme acquiert un accent unique”.

E, no entanto, apesar da ambição universalizante da sua abordagem, poucos foram os teóricos estruturalistas do século XX que se consagraram à Idade Média. Com raras exceções: um artigo de Tzvetan Todorov sobre a *Queste del saint Graal*²⁰ e

¹⁷ Sobre esta questão, ver GOODY, Jack – *La Raison graphique*. Paris: Minuit, 1979.

¹⁸ Ver a excelente síntese crítica de Patrick Moran centrada na permanente tensão entre perspetiva contextual e perspetiva poético-formal e a sua evolução no contexto de uma história alargada dos estudos de literatura medieval: MORAN, Patrick – “La poétique et les études médiévales: accords et désaccords”. *Perspectives médiévales* [em linha], 35 (2014). Disponível em <http://journals.openedition.org/peme/4439> [consultado a 12 de novembro de 2024].

¹⁹ GUIETTE, Robert – *D’une poésie formelle au Moyen Âge*. Paris: Nizet, 1972, 55-56.

²⁰ TODOROV, Tzvetan – “La quête du récit. Le Graal”. in Tzvetan Todorov, *Poétique de la prose (choix), suivi de Nouvelles recherches sur le récit*. Paris: Le Seuil, 1971, 59-80.

um estudo de Julia Kristeva sobre *Jehan de Saintré* no seu ensaio *Le Texte du roman*²¹. Em contrapartida, a atenção dada ao primado da forma, da arte combinatória, dos códigos poéticos e da sua subversão, à dominante intertextual do texto medieval (seja ele lírico, épico ou romanesco, em verso ou em prosa) deu origem a ensaios que renovaram profundamente os estudos de literatura medieval²². Consciente da especificidade do seu objeto de estudo e da sua radical alteridade face às práticas contemporâneas, o estudo da literatura medieval raramente sucumbiu às tentações de uma conceptualização (do tipo semiótico) do texto levada ao extremo, nem à sedução de um formalismo extremado conducente a uma visão autotélica da poesia.

O segundo efeito positivo consistiu na notável abertura do estudo da literatura medieval às diversas áreas das ciências sociais e humanas. Destaque-se, neste contexto, o olhar profundamente influenciado pela etnologia e a antropologia que molda as propostas teóricas de Paul Zumthor²³ nas quais a centralidade estruturante dada à voz, ao corpo e à performance obrigam a uma redefinição do próprio conceito de literatura na Idade Média²⁴; ou ainda a abertura à sociologia com o famoso ensaio de Eric Köhler (*Ideal und Wirklichkeit in der hofischen Epik* de 1956) em que o autor procura demonstrar, através de uma análise minuciosa da obra de Chrétien de Troyes, de que forma o romance arturiano em França se apresenta, entre a idealização e o desencanto, como a história de um processo de autorreflexão e de autointerpretação de uma classe social (a nobreza) em plena transformação desde meados do século XII. A nuclearidade conferida à *littera* no processo poético de criação, mostrou-se um terreno particularmente fértil à psicanálise que viu no jogo em torno da letra (homonímia e paronomásia, variantes e lacunas dos manuscritos como lapsos ou estratégias conscientes de significação/subversão da ordem por parte de dado copista, etc.) uma dimensão próxima do conceito laciano de *significante*,

²¹ KRISTEVA, Julia – *Le Texte du roman. Approche sémiologique d'une structure discursive transformationnelle*. Haia/Paris/Nova Iorque: Mouton, 1970.

²² Refiramos apenas alguns marcos emblemáticos: POIRION, Daniel – *Le Poète et le prince. L'évolution du lyrisme courtois de Guillaume de Machaut à Charles d'Orléans*. Paris: PUF, 1965; DRAGONETTI, Roger – *La Technique poétique des trouvères dans la chanson courtoise. Contribution à l'étude de la rhétorique médiévale*. Bruges: De Tempel, 1960; RYCHNER, Jean – *La Chanson de geste. Essai sur l'art épique des jongleurs*. Genebra: Droz, 1955; VINAVER, Eugène – *À la recherche d'une poétique médiévale*. Paris: Nizet, 1970; ZUMTHOR, Paul – *Essai de poétique médiévale*. Paris: Seuil, 1972; ZUMTHOR, Paul – *Langue, texte, énigme*. Paris: Le Seuil, 1975; HAIDU, Peter – *Aesthetic Distance in Chrétien de Troyes: Irony and Comedy in Cligés and Perceval*. Genebra: Droz, 1968; HAIDU, Peter – *Lion-Queue-Coupée. L'écart symbolique chez Chrétien de Troyes*, Genebra, Droz, 1972; BAUMGARTNER, Emmanuelle – *Le Tristan en prose. Essai d'interprétation d'un roman médiéval*. Genebra: Droz, 1975; MADDOX, Donald – *Structure and Sacring. The Systematic Kingdom in Chrétien's Erec et Enide*. Lexington: French Forum, 1978. Já DUBOST, Francis – *Aspects fantastiques de la littérature narrative médiévale, XII^e-XIV^e siècles. L'Autre, l'ailleurs, l'Autrefois*. Paris: Honoré Champion, 1991 procura adaptar à Idade Média o conceito de “fantástico” (definido, numa perspectiva marcadamente narratológica, por T. Todorov a partir de exemplos do século XIX), o que o leva não somente a uma profunda reformulação desta noção, mais ainda a interpretar a literatura medieval num contexto textual e cultural alargado.

²³ ZUMTHOR, Paul – *Introduction à la poésie orale*. Paris: Seuil, 1983; ZUMTHOR, Paul – *La Poésie et la voix dans la civilisation médiévale*. Paris: Seuil, 1984; ZUMTHOR, Paul – *La Lettre et la Voix*. Paris: Seuil, 1987.

²⁴ Voltaremos a esta questão no subcapítulo seguinte.

enquanto instância (do desejo) autónoma em relação ao significado cujo poder comanda e estrutura o sujeito da escrita e o próprio sentido²⁵.

Como no caso do estruturalismo ou da semiótica, esta perspectiva sucumbiu, nalguns casos, ao próprio fascínio da teoria, criando uma conceção puramente desencarnada, des-historicizada e autorreflexiva do texto medieval, transformado em metatexto que se observa narcisicamente no espelho de si mesmo²⁶. Não obstante a sedução exercida pela ousada proposta apresentada e o interesse de algumas pistas de leitura que dele emergem, um ensaio como *Tristan ou le sang de l'écriture* de Jean-Charles Huchet não deixa, por exemplo, de assentar num pressuposto epistemologicamente muito discutível (o conto de Béroul como metareflexão metafórica sobre a própria escrita) que tende a fetichizar, de forma quase idólatra, a materialidade da letra, esquecendo que esta – não obstante a sua irreduzível natureza sensível, corpórea e a sua importância central no processo de simbolização – é, antes de mais, como qualquer artefacto estético na Idade Média, uma estrutura mediadora que simultaneamente nos separa e põe em contacto com a invisibilidade/ausência de uma significação de contornos espirituais²⁷. Esta abordagem do texto medieval contribuiu, no entanto, para uma importante renovação dos estudos medievais: permitiu acentuar a natureza e vocação da literatura medieval enquanto lugar profundamente desterritorializado²⁸ (por oposição à conceção etnocêntrica da história da literatura de cunho positivista); chamou a atenção para o facto de a construção do sentido não resultar apenas de uma maior ou menor habilidade na utilização de processos retóricos e composicionais herdados da tradição (*topoi*, estruturas narrativas, metáfora, convenções enunciativas, etc.) mas também de operações mais subtis de substituição, deslocamento, deslize, descontinuidade, contradição, interpenetração que agem tanto a nível microtextual (léxico, motivos, registo discursivo) como macrotextual (temas, trajetória das personagens, encadeamento da narrativa), complexificando e tornando mais problemático – e profundamente ambíguo – o sentido dos textos; conferiu ao copista um verdadeiro

²⁵ Cito apenas algumas obras marcantes desta importante corrente hermenêutica de inspiração freudiana-lacaniana: DRAGONETTI, Roger – *La Vie de la lettre au Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil, 1980; MÉLA, Charles – *La Reine et le Graal. La conjointure dans les romans du Graal de Chrétien de Troyes au Livre de Lancelot*. Paris: Éditions du Seuil, 1984; HUCHET, Jean-Charles – *L'amour discourtois: La "fin'amors" chez les premiers troubadours*. Paris: Privat, 1987; HUCHET, Jean-Charles – *Littérature médiévale et psychanalyse: pour une clinique littéraire*. Paris: PUF, 1990; HUCHET, Jean-Charles – *Tristan et le sang de l'écriture*. Paris: PUF, 1990; LEUPIN, Alexandre – *Le Graal et la littérature. Étude sur la Vulgate arthurienne en prose*. Paris: L'Âge d'Homme, 1980; LEUPIN, Alexandre – *Barbarolexis: Medieval Literature and Sexuality*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

²⁶ Em suma, uma literatura reduzida ao absurdo porque cortada do leitor e do mundo, como sugeriu TODOROV, Tzvetan – *La Littérature en péril*. Paris: Flammarion, 2007, 76-78.

²⁷ Recorde-se a advertência de São Paulo aos Coríntios (*Littera enim occidit, spiritus autem vivificat*, Cor. II, 3, 6) amplamente glosada por Santo Agostinho no seu *De Doctrina Christiana* (III, 5, 9) e ao longo do tratado *De spiritu et littera*.

²⁸ Voltarei a esta questão a propósito dos *French Studies* e do mito.

estatuto autoral; revalorizou consideravelmente cada variante do texto vista já não como erro, lacuna ou desvio, mas como lição autónoma digna de ser estudada em si mesma e por si mesma no contexto da economia global da produção do *codex* e da significação da obra.

Este processo sistemático de abertura interdisciplinar e de questionamento que tende a mostrar a inconsistência da própria noção de literatura e da teoria em geral prolonga-se e amplia-se com o pós-estruturalismo (Foucault, Derrida, Deleuze e também Lacan²⁹) através do qual a instabilidade do texto medieval, já posta em revelo por Paul Zumthor através da noção de *mouvance*, ganha um verdadeiro estatuto epistemológico que Patrick Moran sintetiza na perfeição³⁰:

“Le texte médiéval tel que nous le conservons n’est qu’un fragment d’expérience esthétique, dont notre lecture est nécessairement gauchie : nous pensons avoir sous les yeux les témoins d’une littérature médiévale, alors qu’une telle formule revient à plaquer un fait institutionnel moderne sur une réalité ancienne incommensurable. B. Cerquiglini reprend aussi à son compte le concept de *mouvance*, mais sous la forme résolument textuelle et scripturaire de la “ variance ” : son *Éloge de la variante* s’intéresse non pas à ce que la production médiévale a d’oral, mais à l’instabilité de son écriture même. Disséminé sous la forme de variantes infinies, le texte médiéval n’a pas de centre, sinon dans le fantasme génétique des philologues : en réalité la textualité du Moyen Âge est intrinsèquement multiple, changeante, et insaisissable. L’ouvrage de Paul Zumthor et celui de Bernard Cerquiglini vont à bien des égards à contre-courant l’un de l’autre, l’un fondé dans une réflexion de longue date sur le chant et la profération, l’autre s’inscrivant dans la lignée des thèses de Michel Foucault sur l’*épistémè* et, implicitement peut-être, de la critique du logocentrisme par Jacques Derrida. Pourtant ils accomplissent un travail similaire de mise en doute. Les trois textes sont diversement post-structuralistes : celui de Zink, anti-structuraliste parce qu’il se construit contre les engouements critiques des décennies précédentes, et ramène dans l’analyse littéraire les questions de contexte, de diachronie, d’expressivité et d’éthique qui en avaient été écartées ; celui de Zumthor, postérieur au structuralisme parce qu’il est l’œuvre d’un ancien structuraliste qui a dépassé cette période de sa réflexion, et qui suit sa pente intellectuelle en développant de nouveaux outils ; celui de Cerquiglini enfin, poststructuraliste au sens épistémologique du terme, c’est-à-dire influencé par la réflexion archéologique et déconstructionniste qui émerge dans les années 1970”.

²⁹ Recorde que é em grande parte a partir da receção destes e outros teóricos da chamada *French Theory* que se virão paradoxalmente a desenvolver, nos Estados-Unidos da América, os *Cultural Studies*.

³⁰ Moran, “La poétique...”.

Baseado numa conceção rizomática (no sentido deleuziano do conceito) da tradição textual e do fenómeno dinâmico de *variance* (por oposição à dicotomia autor/copista, a uma conceção hierárquica da transmissão poética e a um claro primado – de matriz logocêntrica – do texto sobre os outros elementos constitutivos do códice – rúbricas, glosas, imagens, etc.), o pensamento de Bernard Cerquiglini, pioneiro dessa nova filologia que emerge em finais dos anos 80, introduz uma viragem epistemológica nos estudos de literatura medieval³¹ com importantes implicações/aplicações tanto no campo da investigação como no das práticas pedagógicas. Em primeiro lugar, porque abre definitivamente a literatura medieval ao vasto e ainda relativamente pouco explorado universo das Humanidades Digitais; em segundo, na medida em que permite incorporar, no âmbito de uma mais alargada compreensão do manuscrito, as teorias da receção nas suas mais variadas declinações, das teses pioneiras dos pensadores da Escola de Constança (Wolfgang Iser, Hans-Robert Jauss) à noção mais radical de “comunidade interpretativa” em Stanley Fish³² (que secundariza totalmente o texto face à sua apropriação no ato de leitura), passando pelos conhecidos trabalhos de Umberto Eco e pela importante

³¹ O paradigma da *nova filologia* assenta nos seguintes princípios claramente apresentados na comunicação-manifesto proferida por Bernard Cerquiglini a 8 de Junho de 2000 no Colóquio Internacional *Philology in the Internet Era/Philologie à l'ère de l'Internet* organizado pela Universidade Eötvös Loránd de Budapeste: “ – *option critique* : le partage textuel, tel qu'il est pratiqué sur l'internet, sans origine ni autorité, sous une forme malléable, semble donner une bonne image de la production littéraire médiévale, voire prémoderne ; – *technologie* : l'internet est à la fois le moyen de diffusion et l'image conceptuelle du texte; il remplace [...] la page imprimée ; – *métaphore* : à l'arborescence hiérarchisée succède le réseau, voire le rhizome ; – *héros* : l'ancienne philologie établissait une différence constitutive entre l'auteur et son copiste ; le nouveau paradigme entend réduire cette disparité, et met l'accent sur le scribe. Lequel est à la fois, de par la variance intrinsèque des manuscrits, un auteur et un éditeur. Il est aussi un élément d'une équipe, associé au rubricateur, à l'illustrateur, au glossateur, etc., qui participe à la réalisation et à la signification du texte. Loin de l'idée romantique de l'auteur unique, solitaire et trahi, le codex médiéval est une entreprise collective ; – *amour* : la variance, mouvement systématique de la lettre, devient le caractère premier, original et représentable de cette littérature scribale ; – *objet* : le manuscrit n'est plus une copie méprisée, détériorée par définition, mais (mis à part les inévitables erreurs matérielles) la réception positive d'un texte. Lequel existe, concrètement, au travers des différentes versions conservées. La philologie n'est plus une activité malheureuse ou pathétique, flétrie par son objet ; – le *texte* n'échappe pas à la matérialité du codex ; il est étudié, puis édité dans son contexte. On voit l'importance que cette philologie accorde au codex, œuvre d'art luxueuse, collective et réfléchie, figuration concrète du texte médiéval. La philologie doit donner à voir l'esthétique littéraire d'une civilisation manuscrite ; elle doit se rendre attentive au mode de signification propre au codex : sémiotique de l'image, discours de la rubrique, expansion verbale de la glose, etc. Inspirée par la Nouvelle Critique et les ordinateurs, la nouvelle philologie est paradoxalement plus respectueuse de l'œuvre médiévale, dans sa matérialité contextuelle, que négligeait une ancienne philologie réputée "positive" (CERQUIGLINI, Bernard – “Une nouvelle philologie ?”. Disponível em linha em <http://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/000601/cerq.htm> [consultado a 12 de novembro de 2024]. Sobre esta questão, ver também BUSBY, Keith – *Towards a Synthesis? Essays on the New Philology*. Amsterdão: Rodopi, 1993; RAMLØV FRANDSEN, Stig – “La dialectique de la variance. Nouvelle philologie et stratégies interprétatives du texte médiéval”, *Cahiers de civilisation médiévale*, 190 (2005), 111-127. Disponível em www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ccmed_0007-9731_2005_num_48_190_2903 [consultado a 12 de novembro de 2024].

³² FISH, Stanley – *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities*, Cambridge/Londres, Harvard University Press, 1990.

noção de “comunidade textual” em Brian Stock³³: em que contexto foi produzido o manuscrito? Quem o encomendou e com que finalidade? Trata-se de um trabalho individual ou coletivo? Que textos integram o *codex* e qual a lógica que preside à sua compilação? O que nos diz a morfologia do livro manuscrito, as iluminuras, glosas, rúbricas, a disposição do texto no fólio, as marcas de água e outros elementos codicológicos sobre as modalidades e contextos de produção e de receção de uma obra, as formas de leitura/transmissão, os valores culturais e até os modelos de interpretação vigentes?

A Nova Filologia veio, em suma (e esta será, porventura, o seu mais notável contributo do ponto de vista epistemológico), valorizar a materialidade do códice medieval³⁴ enquanto objeto semiótico singular e complexo que incarna e transmite um conjunto de valores (sociais, estéticas, culturais e simbólicos) próprios de um determinado contexto de produção e de receção, desconstruindo-se (ou modalizando) assim consideravelmente a ideia da unicidade e singularidade ontológicas da obra “original” e do sentido que dela emanaria. Do ponto de vista pedagógico, os contributos da Nova Filologia, bem como os da Nova Codicologia (termo forjado por Keith Busby) e posteriores variações teórico-metodológicas (*filologia material*, *filologia disjuntiva*), permitem essencialmente desfazer a relação quase sinonímica que a “galáxia Gutenberg” (para utilizarmos o conceito de Marshall McLuhan) estabeleceu entre as noções de texto (que designa, na Idade Média, a *auctoritas* das *Sagradas Escrituras*, ou seja, uma palavra referencial, perfeitamente tecida, coerente, estável e sempre disponível), livro³⁵ (que tanto pode reenviar para o códice enquanto estrutura material sólida que reúne e protege um conjunto de escritos de natureza, por vezes, diversa, como para a fonte da qual é

³³ STOCK, Brian – *The Implications of Literacy: Written Language and Models of Interpretation in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Princeton: Princeton University Press, 1983, 88-240.

³⁴ Ver, mais recentemente, os trabalhos de BUSBY, Keith – *Codex and Context. Reading Old French Verse Narrative in Manuscript*. Amesterdão: Rodopi, 2002.

³⁵ Ver de FLEITH, Barbara, *et al.* – “Penser la textualité médiévale. Héritage critique et questions de méthode”. in Barbara Fleith *et al.* (eds.) – *De l’(id)entité textuelle au cours du Moyen Âge tardif, XIII^e-XV^e siècle*. Paris: Classiques Garnier, 2017, 9-59. Anne Salomon sublinha claramente toda a polissemia inerente à noção de livro da idade Média e, por conseguinte, a extrema dificuldade em circunscrevê-la com clareza: “Le terme de livre est l’une des étiquettes médiévales les plus fréquentes et les plus difficiles à définir pour le lecteur moderne : utilisé pour des romans et des dits poétiques comme pour des traités scientifiques, des sommes historiographiques ou des fictions didactiques et allégoriques, il cache, outre la diversité des genres et des formes, la multiplicité des pratiques d’écriture (invention, traduction, compilation, réécriture ou mise en prose) et aussi leur mélange [...]. Il cache aussi la profondeur chronologique des traditions manuscrites, car chaque copie est une nouvelle mise en livre, sur laquelle le copiste-lecteur peut intervenir, en se faisant à son tour ‘auteur’ ou ‘éditeur’ [...]. Le cœur de l’écriture médiévale se constitue autour des deux pôles que sont les concepts d’autorité et de tradition: aussi les pratiques variées d’intertextualité, entendue dans un sens large, sont-elles particulièrement à l’honneur. Et s’il est banal de penser qu’il s’agit d’une constante des œuvres littéraires, il n’en demeure pas moins que peu d’époques ont pratiqué la bibliophagie (ou la logophagie) comme les auteurs et les copistes médiévaux : il est parfois difficile de distinguer la réécriture de la réinvention, la véritable interpolation de la fausse, le vrai conte perdu du faux” (SALOMON, Anne – “Mettre en livre. Pour une approche de la littérature médiévale”, *Études françaises*, 53, 2 [2017], 21-22).

copiada, glosada ou traduzida uma obra, ou ainda para o *topos* do livro-fonte composto em latim e guardado nos fundos de uma qualquer biblioteca monástica a partir do o autor afirma ter traduzido a sua história) e a obra em si (instável, móvel e hipotética³⁶, já que a edição utilizada ou facultada ao estudante, é apenas uma versão possível e provisória de um escrito original cuja existência é igualmente hipotética). Esta forma de questionação do objeto literário volta a pôr em evidência a natureza problemática, complexa e profundamente instável da textualidade medieval, exemplo emblemático da radical alteridade entre o presente e este passado distante evocada inicialmente. Permite igualmente abordar a questão das delicadas fronteiras entre géneros poético-discursivos, já que num mesmo códice convivem frequentemente obras de estatuto e natureza muito diversos (uma ficção arturiana pode, por exemplo, ser contígua a um sermão, uma vida de santo, um tratado didático-moral ou um tratado teológico), que, por sua vez, coabitam com glosas, *marginalia* e imagens no seio de um objeto (o códice) que apresenta assim uma natureza heterogénea, pluridimensional e transsemiótica cuja legibilidade implica necessariamente um diálogo interdisciplinar (paleografia, história, crítica textual, sociologia, história da arte, linguística, estudos literários etc.).

Num contexto cultural em que a composição de um texto é um ato distinto (tanto do ponto de vista cronológico como poético e simbólico) da sua (re)produção material, em que a materialidade da letra coexiste com a imaterialidade evanescente da voz e da transmissão oral (irrecuperável), é importante transmitir aos leitores do século XXI a consciência aguda de que a textualidade de uma obra medieval e, por conseguinte, o seu potencial de representação e de significação, transcende consideravelmente a forma escrita que nos chega às mãos através de uma dada edição e de um determinado configuração livresca; e que esta forma escrita é apenas uma ínfima parte (um mero vestígio) de um fenómeno complexo difícil de reconstituir e, em larga medida, irremediavelmente perdido.

Rizomas e satélites

Ao mesmo tempo que, a partir de finais dos anos 1990 essencialmente, críticos europeus e norte-americanos punham em evidência a instabilidade do texto medieval, desenvolviam-se igualmente, aquém e além-Atlântico, tentativas para renovar epistemologicamente os domínios tradicionais da história literária e da literatura comparada, nomeadamente através da sua abertura ao conceito, ele

³⁶ Por razões ligadas tanto aos contextos de produção das obras medievais como ao estatuto do autor (tantas vezes anónimo) e ao lugar sociopolítico e simbólico ocupado pela língua vernácula, sabemos que as cópias em francês antigo são geralmente muito mais intervencionistas e menos respeitosas da letra quando comparadas à tradição manuscrita dos textos antigos ou sagrados.

próprio revisitado, de literatura-mundo. Destaque-se, nesta perspectiva, duas obras: *A New History of French Literature*, dirigida por Denis Hollier e publicada nos EUA em 1989 e em França em 1993 com o título *De la littérature française*; e *French Global. A New Approach to Literary History*, dirigida por Christie McDonald e Susan Rubin Suleiman, e publicada em 2010 sob a chancela da Columbia University Press com tradução francesa editada em 2015 pela prestigiada Classiques Garnier³⁷. Não irei tecer longas considerações sobre estas obras e os seus pressupostos e implicações tanto a nível epistemológicos como hermenêutico sobre os quais já tive a oportunidade de me debruçar noutros lugares e ocasiões³⁸. Saliento apenas o desafio ousado, inovador e transformador destes projetos que se afastam radicalmente, por um lado, da longa e tenaz tradição da história literária de matriz positivista, etnocêntrica e tendencialmente biografista e, por outro, de uma conceção linear, metanarrativa, identitária e uniformizadora da história literária assente em tipologias, muitas vezes problemáticas e ideologicamente marcadas (categorização periodológica ou geográfica, genológica, linguística ou poética, etc.) geradoras de hierarquias assimétricas que inevitavelmente influenciam/distorcem a maneira como lemos os textos. Em suma, trata-se, em ambos os casos, de dissolver ou de fazer implodir toda a espécie tipo de fronteira que separa artificialmente os contornos do fenómeno literário cuja natureza passa a residir essencialmente no movimento perpétuo, na circulação incessante, na troca, na hibridação, na transferência incessante de formas, temas, motivos, estruturas narrativas, etc. Uma literatura que, sem renegar importância dos pontos de ancoragem geográficos, linguísticos e culturais, se reivindica, antes de mais, como uma literatura sem fronteiras³⁹. Daí a organização singular da obra coordenada por D. Hollier que não se filia nem na lógica do dicionário nem na da enciclopédia e em que cada entrada é uma data

³⁷ HOLLIER, Denis (ed.) – *A New History of French Literature*. Harvard: Harvard University Press, 1989; HOLLIER, Denis (ed.) – *De la littérature française*. Paris: Bordas, 1993; McDONALD, Christie; SULEIMAN, Susan R. (eds.) – *French Global. A New Approach to Literary History*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2010; McDONALD, Christie; SULEIMAN, Susan R. (eds.) – *French Global. Une nouvelle perspective sur l'histoire littéraire*. Paris: Classiques Garnier, 2015.

³⁸ Sobre esta questão, vejam-se as nossas reflexões em CARRETO, Carlos – “Global Middle Ages ou as virtudes do anacronismo. A lição do texto medieval”. *E-Letras com Vida* [em linha], 2 (2019), 118-149. Disponível em <https://e-lcv.online/index.php/revista/article/view/66/47>, (consultado a 12 de novembro de 2024).

³⁹ “One of the most selfless of today’s humanitarian institutions is called *Médecins sans Frontières*, Doctors without Borders. Literature, however, selfless or not, never comes without borders. Not only, as Rousseau said, does language distinguish humans from animals, but also, as he added, languages distinguish nations from one another. National borders are not the only ones dividing literature. Borders also exist between genders, classes, and generations, between the oral and the written, between writing and reading; and they are all significant [...]. Works of literature are not as tightly bound to place as are architectural ones, or to time as are political acts. The most significant aspects of the Western idea of literature are embodied in the book, a physical object that circulates more easily through the world than any oral utterance; able to overstep the borders enclosing vernacular languages, it is less tightly anchored to local history and geography. But despite this kind of freedom, literature’s production and consumption remain for the most part shaped by the non-universality of languages, framed by the experience of borders. The necessity of translation (as well as its many impossibilities) is part of its definition: literature is both lost and found in translation” (Hollier, *A New History...*, 21).

que coincide ou com um evento considerado fundador do ponto de vista cultural e simbólico, ou com uma problemática estruturante, a aventura iniciando-se em 778 (ano em que Roland morre em Roncevaux) e prolongando-se até 1989, ano do Bicentenário da Revolução Francesa que abre sobre um mapa da França moderna. A viragem epistemológica agora reivindicada é ainda mais reveladora (e, de certo modo, subversiva) se tivermos em consideração que parte de um olhar (ou de uma multiplicidade de olhares) descentrados (i.e., vindos do outro lado do Atlântico e não do velho continente ou dos limites do hexágono) veiculado por uma outra língua que não a língua nacional. Este descentramento afirma-se assim simultaneamente como uma declaração política e um distanciamento crítico face aos estudos literários de tradição francesa marcados, durante todo século XX, como vimos anteriormente, pela clivagem entre Teoria e História, Texto e Contexto.

A «nova abordagem» proposta por Christie McDonald e Susan Suleiman inscreve-se, também ela, neste esforço de refundação da história literária, procurando aprofundar este novo paradigma que privilegia uma visão cartográfica e itinerante da literatura sobre uma conceição marcadamente territorial e fixista. As 28 contribuições são organizadas por três eixos (Espaços, Mobilidades, Multiplicidades). Dos seus sugestivos títulos (da Idade Média à literatura contemporânea) nos quais transparecem as imagens do Outro e da estranheza, do globo, da navegação, da travessia, da transferência, emerge claramente a ambição epistemológica que percorre este projeto: realçar a alteridade no seio das obras mais canônicas da literatura “francesa” (como a *Chanson de Roland*, por exemplo); destacar zonas de tensão entre unidade e heterogeneidade; pôr em relevo as muitas discrepâncias e assimetrias entre o espaço literário e o espaço político, a língua e sua inscrição geográfica; compreender o local (aquilo que faz a singularidade de cada expressão poética) através do global (a literatura como um sistema complexo onde todos os elementos interagem entre si); privilegiar, tanto nos textos como no modo como se sucedem numa ordem cronológica, uma dinâmica da significação mais atenta ao fenômenos de hibridação, interferência, miscigenação e de disrupção (formal, cultural, narrativa, simbólica) em detrimento de uma lógica da continuidade e homogeneidade. Um convite, em suma, a pensar “la littérature française comme étrangère à elle-même, voire familièrement étrangère”⁴⁰ e a percorrer a história literária não com um olhar “surplombant, hexagonal et ‘universaliste’”⁴¹, mas sim através de um novo sistema de navegação que permite mapear, em pleno movimento, esse vasto espaço literário com os seus recortes, as seus zonas de confluência e de sobreposição, os seus relevos e paisagens em constante mudança, e fornecer ao leitor os instrumentos necessários

⁴⁰ BOUJU, Emmanuel – “Avant-propos. Pourquoi “French Global”, ici, maintenant ?”. in Christie McDonald; Susan R. Suleiman (eds.) – *French Global. Une nouvelle perspective sur l’histoire littéraire*. Paris: Classiques Garnier, 2015, 8.

⁴¹ BOUJU, “Avant-propos”, 8.

para nele se orientar. Daí a pertinente (embora irónica ou simplesmente humorística, como confessam as autoras) metáfora do GPS aplicada por Christie McDonald e Susan Suleiman às infindas e complexas interconexões nas quais assenta uma visão global – ou globalizante – da literatura:

“For us, the definition of global is more like that a global positioning system [...]: “a word-wide navigation system which allows users to determine their location very precisely by means of receiving equipment that detects timed radio signals from a network of satellites in stable, predictable orbits”. The satellites move in stable and predictable orbits, but the GPS device itself accompanies people who move around a great deal, often in haphazard, unpredictable trajectories” (p. x)⁴².

Esta conceção do fenómeno literário implica assim um reposicionamento constante de quem lê e do lugar relativo ocupado pelas obras e os autores no seio de uma vasta rede de relações (ou de vasos comunicantes) em constante reconfiguração ao longo dos séculos. Enquanto convite à releitura permanente e sempre diferente das obras, esta perspetiva globalizante permite, em suma, relativizar a existência de hierarquias estanques e rigidamente pré-estabelecidas no âmbito do cânone

⁴² À semelhança do que acontecera com a antropologia histórica dos anos 50 e 60, a História tem-se mostrado bem mais aberta do que os estudos literários em matéria de renovação dos modelos teórico-epistemológicos. Com efeito, têm sido relativamente escassos os ensaios e os projetos de investigação em literatura medieval assentes numa perspetiva globalizante, por oposição ao que se verifica no campo disciplinar da História. Veja-se a obra dirigida por BOUCHERON, Patrick – *Histoire mondiale de la France*. Paris: Éditions du Seuil, 2017. No prefácio desta polémica obra, P. Boucheron expõe os princípios que presidem a esta conceção global da história de França e que são, nas suas grandes linhas metodológicas e epistemológicas, coincidentes com os que presidem à renovação da história literária nas duas obras citadas: “Cette ambition est politique, dans la mesure où elle entend mobiliser une conception pluraliste de l’histoire contre l’étrécissement identitaire qui domine aujourd’hui le débat public” (p. 7); “Faire entendre un collectif d’historiennes et d’historiens travaillant ensemble à rendre intelligible un discours engagé et savant. Ce livre est donc joyeusement polyphonique. Il ne l’est pas faute de mieux – comment écrire aujourd’hui d’un seul jet et d’une même plume une histoire de France ? – mais par choix et par conviction” (p. 8); “[...] infliger une blessure narcissique à un pays attaché à un récit national tenu pour exceptionnel” (p. 11); “Il s’agit moins d’élaborer une autre histoire que d’écrire différemment la même histoire” (p. 12); “Telle est donc l’intrigue principale. Elle n’est ni linéaire ni orientée et n’a ni commencement ni fin – et c’est pourquoi les premières dates plongent au plus profond de l’histoire de l’occupation humaine sur le territoire identifié aujourd’hui comme français, précisément pour neutraliser la question des origines” (p. 12). No domínio específico da história medieval, veja-se o “Global Middle Ages Project” liderado pela Universidade do Texas (<http://globalmiddleages.org>), o projeto “Global History in the Middle Ages” da Universidade de St Andrews (<https://globalmedievalstandrews.wp.st-andrews.ac.uk>) ou o projeto “Defining the Global Middle Ages” da Universidade de Oxford (<https://globalmiddleages.history.ox.ac.uk>), para além de vários recursos digitais (como o *Medieval and Renaissance Studies: Global Middle Ages. A guide to library resources for Medieval and Renaissance Studies* da Universidade do Illinois – <https://guides.library.illinois.edu/c.php?g=612662&p=8415356>) e estudos de referência: HOLMES, Catherine; STANDEN, Naomi (eds.) – *The Global Middle Ages is the 2018 Past & Present*. Oxford: University Press, 2018; KEENE, Bryan C. (ed.) – *Toward a Global Middle Ages: Encountering the World through Illuminated Manuscripts*. Los Angeles: J. Paul Getty Museum, 2019; CLASSEN, Albrecht (ed.) – *Paradigm Shifts During the Global Middle Ages and Renaissance*, Turnhout: Brepols, 2019.; HERMANS, Erik (ed.) – *A Companion to the Global Early Middle Ages*. Amsterdão: Amsterdam University Press, 2020.

literário (um operador conceptual e cognitivo profundamente dinâmico, logo instável, que convém igualmente revisitar regularmente à luz de uma visão comparada e global do fenómeno literário), sublinhando a natureza rizomática (na aceção de Deleuze e Guattari⁴³, ou seja, subordinada aos princípios da conexão e da heterogeneidade, da multiplicidade, da rutura a-significante e da descontinuidade, em suma, ao movimento contante de desterritorialização e de reterritorialização) de uma literatura que evoluiu de forma multilateral, com avanços e recuos, segundo uma lógica da “polinização”⁴⁴, e não de acordo com um pensamento dicotómico de subordinação da periferia ao centro subjacente ao conceito de influência. A literatura como espaço nómada, localizado, mas não delimitado, um espaço “global relativo”⁴⁵, com a sua latitude e longitude, mas sem fronteiras rígidas; a escrita não tanto como arte da significação, mas antes como movimento perpétuo, como forma de cartografar “même des contrées à venir”⁴⁶. A literatura, em suma, não como objeto que se oferece à catalogação tipológica ou à verificação de um teorema crítico, mas como espaço verdadeiramente dinâmico na qual ecoa uma multiplicidade e heterogeneidade de “forças distintas e potencialmente antagónicas”⁴⁷ que coexistem num texto.

⁴³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix – *Capitalisme et Schizophrénie*. Vol. 2. *Milles plateaux*. Paris: Éditions de Minuit, 1980, 9-37.

⁴⁴ BUESCU, Helena Carvalhão – *Experiência do Incomum e Boa Vizinhança. Literatura Comparada e Literatura-Mundo*. Porto: Porto Editora, 2013, 48.

⁴⁵ Deleuze e Guattari, *Milles plateaux*, 474.

⁴⁶ Deleuze e Guattari, *Milles plateaux*, 11.

⁴⁷ Leia-se, a este propósito, o programa-manifesto escrito coletivamente por vários membros do *Groupe MDRN* (“*Modern*”) que desenvolve um projeto de investigação sobre as “Identidades múltiplas da literatura” na Universidade Católica de Leuven: “La dynamique est multiple, et elle révèle la coexistence de forces distinctes, et potentiellement antagonistes.

La dynamique littéraire est d’abord multiple parce qu’elle engage des expériences temporelles très diverses, qui ont chacune leur propre logique, parfois contradictoires. Elle l’est aussi parce que le changement temporel est tout sauf homogène : dans l’histoire, l’accélération, parfois jusqu’au vertige, et le ralentissement, parfois jusqu’à l’asphyxie, sont inséparables : ils ne se pensent que l’un par rapport à l’autre. Enfin, la dynamique est aussi multiple en raison de la tension toujours possible, et souvent attestée, entre changement et immobilisme, entre progrès et réaction, entre fuite en avant et retour à l’ordre [...].

Une telle façon de concevoir la dynamique est difficilement compatible avec les techniques de périodisation convenues, qui favorisent à la fois l’homogénéité interne et l’enchaînement séquentiel des périodes, styles, écoles, mouvements. Parallèlement, cette perspective dynamique excède les approches pointillistes ou atomisantes qui procèdent soit par coupe transversale [...], soit par simple juxtaposition d’observations et de points de vue que l’on évite de confronter, soit encore par anecdote, exemple ou étude de cas.

Au lieu d’analyser l’histoire en termes de succession ou de relais, la dynamique littéraire se donne à penser en privilégiant les divers modèles de stabilité et de transformation, de tradition et d’innovation, de répétition et d’invention, dont les frictions déterminent la densité et la complexité temporelles de tout fait littéraire [...].

La dynamique littéraire traverse toute la littérature, y compris celle qui nous semble la plus rétive au changement. Il est dès lors normal que la dynamique littéraire informe aussi ses alentours, notamment les manières (synchronique ou diachronique) d’aborder le fait littéraire.

Contrairement à une certaine idée reçue, toute approche synchronique de la littérature doit nécessairement faire une place à la notion de dynamique. En effet, tout acte littéraire posé à un moment déterminé, dans un contexte donné, s’inscrit dans une stratégie de positionnement par rapport à un passé et dans la perspective d’un à venir. De là l’importance de modèles d’analyse susceptibles d’explicitar la présence du diachronique à l’intérieur du synchronique : le contemporain ne coïncide jamais avec lui-même, car il subsiste toujours des résidus de

Situado, tanto montante como a jusante da sua produção, no seio de um intenso e ininterrupto processo de *translatio* (nas suas várias dimensões, manifestações e implicações), polimorfo, omnívoro e assumidamente bastardo na sua origem⁴⁸, produzido e circulando num contexto histórico-político dominado pela poliglossia e a multiculturalidade⁴⁹, o *romance* medieval encarna exemplarmente a natureza intrinsecamente desterritorializada e transfronteiriça da literatura. Enquanto *translatio*, a literatura medieval veicula a ideia de trânsito, de transformação e de transitoriedade, de uma literatura constantemente fora da sua órbita⁵⁰, o que explica, de resto, a sua notável capacidade de polinização, marcando tanto o Renascimento como o Classicismo, o Romantismo como aquilo a que, bem ou mal, se convencionou chamar de Modernidade e até de Pós-modernidade na qual temos assistido ao extraordinário florescimento de uma autêntica indústria cultural alimentada por ficções medievalizantes multimediáticas e à não menos notável proliferação de publicações e eventos científicos consagrados à “modernidade” da Idade Média

formes, de pratiques et/ou de médias anciens (voire très anciens), tout comme il peut faire affleurer des indices de réalisations à venir (parfois encore largement impensables à un moment donné). Plus essentielle encore à cet égard est la considération de la nécessaire multiplicité des présents, c'est-à-dire des multiples manières de se positionner par rapport au temps [...].

Étudier la dynamique littéraire revient donc, à travers l'analyse de l'hétérogénéité du présent telle qu'on le voit à l'œuvre dans la production et la réception des textes, à étudier les multiples intersections entre les manières de voir, de penser, de faire la littérature et les manières de voir, de penser et de configurer un certain rapport au temps, à l'histoire, au changement, et inversement” (GROUPE MDRN, “Pour une nouvelle approche de la dynamique littéraire (Pense-bête)”, *Fabula-LhT* [em linha], 11 (2013). Disponível em <http://www.fabula.org/lht/11/modern.html> [consultado a 12 de novembro de 2024].

⁴⁸ GINGRAS, Francis – *Le Bâtard conquérant. Essor et expansion du genre romanesque au Moyen Âge*. Paris: Champion, 2011.

⁴⁹ Depois de 1066 (data em que Guilherme o Conquistador se apodera da coroa inglesa na sequência da sua vitória na Batalha de Hastings), a língua de oïl, na sua diversidade regional (dialeto da Picardia, de Beauvais, da Burgúndia, da Flandres, da Champagne, da Ilha de França, da Normandia, etc.), reflexo dos fluxos migratórios, difunde-se massivamente pelas ilhas britânicas. Devido à sua origem normanda e também ao facto de Guilherme não ser, segundo constava, muito dotado para a aprendizagem de línguas estrangeiras, compreende-se que o Anglo-normando (enquanto língua híbrida em si mesma), tivesse vindo a adquirir, a partir de finais do século XI, um estatuto análogo ao do latim enquanto língua documental/administrativa e língua de prestígio social e cultural. Esta expressão de uma francofonia medieval reenvia, no caso da literatura, para situações bastante distintas, podendo remeter tanto para a literatura continental que migra para as ilhas britânicas, como para textos compostos por autores continentais a partir de matérias insulares (folclore bretão, por exemplo) para um público francófono ou bilingue, ou ainda para poemas criados por poetas ingleses e destinados à aristocracia normada. A poliglossia da corte inglesa sob o reinado de Guilherme e da rainha Matilde (cujos contemporâneos recordam a imagem de uma mulher letrada) amplia-se sob o reinado de Henrique I da sua filha herdeira cujo nome consta num manuscrito do século XIII enquanto comendatária de uma *Viagem de São Brandão* composta em anglo-normando. Como evidencia ainda a tradução da *Historia Regum Britanniae* que Wace, clérigo oriundo da ilha de Jersey no Canal da Mancha, oferece em 1155 a Leonor da Aquitânia, então esposa de Henrique II Plantageneta, a diversidade linguística e cultural continua e continuará a ser um traço dominante do espaço político Plantageneta. Sobre estas questões, ver, entre outros, Gingras, *Le Bâtard conquérant...*, 96-103 e 113-118; EDLICH-MUTH, Miriam (ed.) – *Medieval Romances Across European Borders*. Turnhout: Brepols, 2018; MORATO, Nicola; SCHOENAERS, Dirk (eds.) – *Medieval Francophone Literary Culture Outside France. Studies in the Moving Word*. Turnhout: Brepols, 2019; CAMPBELL, Kimberlee – “Speaking the Other. Constructing Frenchness in Medieval England”. in Christie McDonald; Susan R. Suleiman (eds.) – *French Global. A New Approach to Literary History*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2010, 179-192.

⁵⁰ Ver as considerações de H. C. Buescu, *Experiência do Incomum...*, 53-66.

que veio reascender a rivalidade, ou o conflito teórico, epistemológico e acadêmico, entre estudos literários (de matriz europeia e filológica) e *Cultural Studies* (de matriz anglo-saxónica)⁵¹.

Contudo, não são apenas as ficções ou matrizes narrativas (na sua materialidade escrita e vocal) que circulam no espaço e no tempo como objetos valiosos moldando os contornos de uma literatura e de uma civilização. Para além das personagens (cavaleiros, mercadores, peregrinos, jograis, etc.), romances e canções de gesta põem em cena uma intensa circulação de objetos (espadas, elmos, escudos, lanças, mantos, tecidos preciosos, relíquias), alguns dos quais dotados de virtudes sagradas e de poderes mágicos, que viajam por entre vários pontos do globo, reunificando temporalidades difusas e desconexas e ligando geografia conhecidas a territórios puramente imaginados ou imaginários.

Contrariamente à imagem que emana de uma conceção territorializada e nacionalista da literatura transmitidas, até há bem pouco tempo, pelas histórias da literatura, a ficção medieval em língua vulgar emerge e desenvolve-se num contexto linguístico e cultural de geografia variável.

Regressar ao mito: para uma arqueologia da imagem

Um universo poético que depende da circulação das palavras e dos textos e no qual tudo transita, se move e circula, convida-nos finalmente a determo-nos um pouco sobre o estatuto privilegiado destes núcleos narrativos seminais do texto constituídos pelos *topoi* que podemos igualmente definir como autênticas imagens em trânsito. Como sabemos, a *forma mentis* medieval é profundamente marcada pelo pensamento simbólico que estrutura todas as vertentes da atividade humana, da organização da sociedade e da conceção do poder à arquitetura das cidades e das catedrais, passando naturalmente pela literatura dominada (mesmo depois das reflexões de Abelardo sobre a linguagem e os signos e a influencia crescente do pensamento aristotélico a partir do século XIII) por uma ontologia realista (e platónica) – e não arbitraria – da linguagem onde as coisas tendem a incarnar no seio das palavras e do discurso, a construção retórica não sendo mero artifício, mas sim meio privilegiado para inscrever “le Mystère dans la chaire sonore des mots”⁵². Fazendo da aparência literal o eterno ponto de fuga do sentido, a utilização poética

⁵¹ Para uma síntese sobre este debate, ver GALLY, Michèle; FERRÉ, Vincent – “Médiévistes et modernistes face au médiéval”, *Perspectives médiévales* [em linha], 35 (2014). Disponível em <http://journals.openedition.org/peme/5761> [consultado a 31 de março de 2022].

⁵² TILLETTE, Jean-Yves – “Un art de lire”. in Olivier Collet et al. (eds.) – “*Ce est li fruis selonc la letre*”. *Mélanges offerts à Charles Méla*. Paris: Champion, 2002, 12.

do símbolo confere à *literatura* medieval uma dimensão misteriosa e oculta onde o sentido nunca (ou raramente) surge onde mais se espera.

Falar em pensamento mítico implica ainda adotar uma atitude teórica e metodológica distinta daquela que subjaz às inextrincáveis relações entre Mito e Literatura⁵³ que frequentemente conduzem um impasse de tal forma simbiótica é ligação entre estas duas entidades. Neste sentido, a perspetiva cuja pregnância teórico-metodológica aqui destacamos não consiste apenas em analisar de que forma a literatura francesa medieval acolheu, interpretou e transformou a mitologia clássica. De Fulgêncio e Macróbio aos mitógrafos da Escola de Chartes do século XII que viram no mito uma *narratio fabulosa* que esconde (sob forma de *integumentum*) uma verdade profunda sobre o mundo, passando por Marciano Capella, Hugo de São Vítor, Alanus de Insulis, Bernardo Silvestre, e as inúmeras traduções, glosas e adaptações das *Metamorfoses* de Ovídio, bem como dos primeiros romances que retomam a matéria antiga, entre muitos outros marcos de uma vasta e complexa tradição, a Idade Média nunca deixou de ver no mito uma *auctoritas* e um imenso pré-texto através do qual sempre foi lendo o universo e reformulando o horizonte do saber tanto nos campos teológico e exegético, como no campo científico (da astronomia, nomeadamente), artístico e literário. Também não nos referimos a uma abordagem convencional da literatura comparada que consiste em estudar de que forma os mitos criados pela própria poesia medieval (o amor cortês, o mito do graal, etc.) influenciam a produção literária desta época e das épocas ulteriores.

A atenção à pregnância das estruturas no texto medieval continua a ser profundamente devedora da mitologia comparada (com destaque para os trabalhos de Georges Dumézil), da antropologia histórica e cultural (Levi-Strauss, Jean-Pierre Vernant, Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt, etc.), da mitocrítica de Gilbert Durand (que, nas suas *Estruturas antropológicas do imaginário*, destacou a natureza dinâmica do mito), da conceção do mito em André Jolles (como *forma simples* que assenta numa estrutura dialógica)⁵⁴, em Ernst Cassirer – essencialmente no segundo volume da sua *Filosofia das formas simbólicas (Philosophie der symbolischen Formen)* de 1923⁵⁵ –, em Paul Ricoeur (que insiste, em oposição à visão estrutural e formalista

⁵³ Da vasta bibliografia sobre esta matéria, ver: BRUNEL, Pierre – *Mytocritique. Théorie et parcours*. Paris: PUF, 1992; BRUNEL, Pierre – “Mythe et littérature”. in E. Leonardy (ed.) – *Mythe et littérature*. Bruxelas: Université de Louvain, 1994, 29-40; HUET-BRICHARD, Marie-Catherine – *Littérature et mythe*. Paris: Hachette, 2001; SIGANOS, André – “Définitions du mythe”. in D. Chauvin et al. (eds.) – *Questions de mythocritique. Dictionnaire*. Paris: Imago, 2005, 85-100. Mais recentemente, ver a excelente síntese crítica de IMPERIALI, Christophe – “Quelques réflexions autour du ‘mythe littéraire’ et de l’usage qui peut en être fait”. in *En quête de Perceval. Étude sur un mythe littéraire*. Paris: Honoré Champion, 2019, 13-68.

⁵⁴ “L’homme demande à l’univers et à ses phénomènes de se faire connaître de lui ; il reçoit une réponse [...]. L’univers et ses phénomènes se font connaître. Quand l’univers se crée ainsi à l’homme par question et réponse, une forme prend place que nous appellerons mythe” (JOLLES, André – *Formes simples*. Paris: Seuil, 1972 [1930], 81).

⁵⁵ CASSIRER, Ernst – *La Philosophie des formes symboliques*. Vol. 2. *La Pensée mythique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972. Por oposição à insistência estruturalista sobre as relações entre mito e linguagem que

de Claude Lévi-Strauss, sobre o excesso de sentido – saturação e sobredeterminação semânticas semelhantes às que encontramos na metáfora – que caracteriza o mito e que explica a sua constante reincarnação através dos tempos⁵⁶) ou ainda em Hans Blumenberg que concebe o mito (inclusive nas suas fases mais tardias de poetização, como em Homero e Hesíodo) como uma narrativa em potência motivada pelas *questions-abîmes* reiteradamente formuladas pelos homens, ou seja, como uma matriz narrativa e cognitiva cujo sentido depende fortemente (senão unicamente) da sua receção⁵⁷.

Que concluir? Na esteira das reflexões propostas por Claude Calame⁵⁸ – que explora a aceção semânticas destes termos de Xenófanes a Plutarco –, verifica-se que as esferas do *logos* e do *mythos* (cuja separação, que tem origem em tempos muitos remotos, foi provavelmente acentuada pelo racionalismo logocêntrico e iconoclasta que impera na cultura ocidental desde o século XVII) são muito mais complementares do que opostas. Mesmo no mundo grego, nomeadamente na *Poética* de Aristóteles, o *mythos* (enquanto princípio estruturante da mimese cuja

conduzirão à descoberta de uma gramática do mito e do imaginário, o principal interesse da conceção de Cassirer é o de chamar a atenção sobre a natureza essencialmente imagética do mito. Esta perspetiva permite ultrapassar a velha e insolúvel querela sobre a anterioridade do rito sobre o mito (ou vice-versa) ou do conceito sobre a imagem (e vice-versa). Com efeito, para Cassirer, o mito é, antes de mais, uma forma de pensamento. Neste sentido, não participa de uma lógica redutora da representação implicando uma separação entre os signos e as coisas, já que, na lógica simbólica do mito, a imagem é a própria coisa. O mito assume assim, em Cassirer, uma dimensão claramente matricial. No domínio específico da teoria literária, é conhecida a influência exercida pelas noções de *arquétipo* e de *inconsciente coletivo* desenvolvidas por Jung e as suas repercussões nas conhecidas propostas formuladas por Northrop Frye na sua *Anatomia da Crítica* de 1957 onde faz dos *mythoi* (herdados da tipologia de James Fraser centrada nos grandes mitos sazonais) poderosas estruturas que fundam e organizam, em profundidade, os próprios géneros e registos poéticos (primavera/comédia; verão/romance; outono/tragédia; inverno/ironia e sátira). Sobre as principais teorias do mito e as suas implicações no campo dos estudos literários, ver a excelente síntese de REEVES, Charles Eric – “Myth theory and criticism”. in Michael Groden *et al.* (eds.) – *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory & Criticism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994, 520-523.

⁵⁶ RICOEUR, Paul – “Structure et herméneutique”. *Esprit*, 22 (1963), 596-627, aqui p. 621. Esta ideia será aprofundada nas várias reflexões de Paul Ricoeur sobre a metáfora, nomeadamente em RICOEUR, Paul – *La Métaphore vivante*. Paris: Seuil, 1997. Em “Imagination et métaphore”, artigo publicado em 1982, Ricoeur sublinha claramente a necessária articulação entre os níveis semiótico e simbólico, insistindo sobre a função modelizante dos sistemas simbólicos organizados em torno da metáfora, do mito ou da ficção: “[...] tous les systèmes symboliques ont une portée dénotative dans la mesure où ils “font”, “défont” et “refont” la réalité. S’interroger sur la valeur référentielle du langage poétique c’est donc montrer comment les systèmes symboliques réorganisent le monde en fonction des œuvres et les œuvres en fonction du monde. En ce point, la théorie de la métaphore tend à rejoindre celle des modèles scientifiques, dans la mesure où la métaphore constitue un modèle pour changer notre façon de voir les choses, de percevoir le monde” (in RICOEUR, Paul – “Imagination et métaphore”. *Psychologie médicale*, 14 (1982), 1883-1887. Disponível em http://palimpsestes.fr/textes_philo/ricoeur/imagination_metaphore.pdf (consultado a 12 de novembro de 2024).

⁵⁷ BLUMENBERG, Hans – *La Raison du mythe*. Paris: Gallimard, 1985, p. 53. Nesta perspetiva, o mito não pode ser apreendido na sua essência ou origem ilusória (mito do *urmythos* primordial), mas tão-somente enquanto fenómeno. Ou seja, como refere Veronique Géli, “s’il n’y a pas d’ontologie du mythe, il y a bien une phénoménologie des mythes” (GÉLI, Véronique, *L’invention d’un mythe. Psyché : Allégorie et fiction, du siècle de Platon au temps de La Fontaine*. Paris: Honoré Champion, 2006, 16).

⁵⁸ CALAME, Claude – *Illusions de la mythologie*. Limoges: PULIM, 1991, 29.

natureza antropológica irradia numa dupla função lúdica e cognitiva⁵⁹) não se refere a um tipo de narrativa concreto ou a um género poético específico⁶⁰. Neste sentido, o mito não se reduz nem dilui numa configuração narrativa específica⁶¹: o mito do amor cortês, por exemplo, não se desenvolve apenas de acordo com a sua formulação lírica e a sua gramática característica constituída por infinitas variações formais sobre temas e motivos tópicos (figura hierática da Dama a quem o amante presta vassalagem de acordo com os códigos feudais, triângulo amoroso, interdito, etc.), mas também através das várias declinações que assume tanto no romance (*Tristão e Isolda*, *Yvain*, *Le Roman de la Rose* de Guillaume de Lorris, etc.) como na canção de gesta (*La Prise d'Orange* ou *Le Bâtard de Bouillon*, por exemplo); não se limita a uma expressão valorativa ou apologética, mas inclui também os textos que, muito precocemente, apresentam uma versão irónica ou paródica que condenam ou desconstroem os simulacros da cortesia ou a cortesia como simulacro (*Cligès*, *Le Chevalier de la Charrette*, a figura de Gauvain na segunda parte do *Conte du Graal*, vários *fabliaux* e fragmentos do *Roman de Renart*, *Le Roman de la Rose* segundo Jean de Meun, *Le Lai de l'ombre* de Jean Renart, etc.). Da mesma forma, o mito de Tristão não se esgota nas versões contadas por Bérout, por Marie de France (*Lai*

⁵⁹ Esta extraordinária valorização do mecanismo mimético (ou seja, a propensão inata de todos os homens à ficção) no qual assenta a arte poética emerge logo no início da *Poética* de Aristóteles (1448b) em claro contraponto em relação à concepção profundamente negativa (ou suspeita) que ocupa na *República* de Platão (livros III e X). É essencialmente a partir desta concepção da mimese que Jean-Marie Schaeffer desenvolve o seu interessante pensamento em torno na natureza filogenética e ontogenética da ficção que emerge não tanto de uma imitação da realidade, mas antes de uma modelização analógica das nossas formas de representar a realidade. Daí a ficção poética não ser simples representação do mundo, mas sim autêntica visão/construção do mundo que nos permite reequilibrar e reconfigurar incessantemente a nossa experiência e identidade, bem como a relação que mantermos com o Outro e com o universo que nos rodeia. Tal como a narrativa (enquanto *mythos*) em Ricoeur (RICOEUR, Paul – *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1983; RICOEUR, Paul – *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990), a ficção segundo Jean-Marie Schaeffer apresenta-se como um espaço dinâmico que nos conduz ao conhecimento/domínio do real (e de nós próprios) precisamente porque abre o horizonte ao espaço dos possíveis (ver SCHAEFFER, Jean-Marie – *Pourquoi la fiction?* Paris: Seuil, 1999; SCHAEFFER, Jean-Marie – “De l’imagination à la fiction?”. *Vox-Poetica. Lettres et sciences humaines* [em linha]. Disponível em <http://www.vox-poetica.org/t/articles/schaeffer.html> [consultado a 12 de novembro de 2024].

⁶⁰ Recorde-se que na *Poética* (cap. VI) de Aristóteles, o *mythos* se refere essencialmente ao ato de contar enquanto representação dos factos organizados num sistema narrativo que tem um início, um meio e um fim. O *mythos* é assim, antes de mais, uma configuração narrativa, pese embora esta dimensão se torne particularmente importante na tragédia, uma vez que esta não visa representar os homens (ou seja, a vida em si) mas sim a ação enquanto princípio estruturante (organizado, compreensível) do sentido da existência.

⁶¹ O que equivaleria, segundo Hans Blumenberg, *La Raison du mythe...*, a passar do mito à mitologia e a reificar todo um potencial primitivo de significações. Veja-se também a crítica de Gilbert Durand à abordagem estruturalista: “Lorsqu’on essaie de le fixer [le mythe], c’est un peu comme en physique quantique quand on essaie de fixer la particule microphysique, on perd son contenu dynamique ; c’est ce qui arrive aux structuralistes la plupart du temps ! Ils fixent une forme vide qui s’applique finalement à tout et qui n’a plus de sens” (DURAND, G. – “Pérennité, dérivations et usure du mythe”. in J. Hani (ed.) – *Problèmes du mythe et de son interprétation. Actes du colloque de Chantilly des 24-25 avril 1976*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, 31). Mas a excessiva fixação no semantismo mítico também envolve alguns perigos, acrescenta G. Durand: “Si on essaie de trop faire porter l’accent sur les contenus, on bloque à ce moment-là l’aspect sempiternel du mythe, l’aspect de la pérennité et on éparpille le mythe dans des explications évhéméristes, accidentelles, explications au pur niveau de l’événement historique” (pp. 31-32).

du Chevrefeuille) ou por Thomas d'Angleterre: integra todas as versões (conhecidas e perdidas) que vão reconfigurando o mito ao longo dos tempos, sem esquecer os fragmentos da tradição celta anterior ao século XII. O mesmo se diga do mito do Graal que, apesar de se construir a partir do epicentro do romance de Chrétien de Troyes, não se reduz, nem a montante nem a jusante da tradição poética e cultural, a esta obra.

Nesta ótica, o mito não constitui uma estrutura cristalizada, mas sim uma estrutura em movimento⁶², um jogo dos possíveis narrativos, podendo ser definido, de acordo com Marcel Détienne⁶³, como um “significante disponível”: daí a sua capacidade de gerar sempre novas narrativas (o mito do Graal é absolutamente emblemático deste processo) que procuram preencher e reinvestir semanticamente esta forma matricial e aberta; daí todo o mito ser sempre, de um modo ou de outro, um mito fundador. Falar em “significante disponível” não implica, contudo, falar em significante *vazio*. O mito veicula uma substantividade: é sempre – um pouco à semelhança da metáfora, como sugeria Paul Ricoeur –, excesso e saturação de sentido cuja hermenêutica obriga a que se adotem várias estratégias cruzadas. Neste contexto, e não obstante as suas limitações, a abordagem estruturalista/funcionalista continua a revelar-se bastante pertinente e operativa para a identificação dos *mitemas*, na condição de não vermos nesses núcleos narrativos mínimos de que nos falam os dicionários de mitologia, “un texte mort que chacun reprend et habille autrement”⁶⁴, mas sim um texto virtual – ou em potência – que reconfigura profundamente a estrutura e o sentido da narrativa através da relação dinâmica entre o texto e o intertexto mítico⁶⁵. Mas a presença de um mito nem sempre é tão fácil de detetar, podendo esconder-se atrás de simples vestígios ou fragmentos míticos. Neste caso, torna-se necessário seguir as ténues pistas deixadas por temas,

⁶² Aprofundando as intuições de etnólogos e antropólogos e biólogos sobre o mito (Lévi-Strauss, Roger Callois, G. Durand, Richard Dawkins, François Jacob, entre muitos outros), investigações recentes tendem a confirmar a existência de uma íntima relação entre estrutura genética e cultura humana, procurando demonstrar os fundamentos filogenéticos dos mitos e das suas diversas componentes. Veja-se, por exemplo, GHIASIZARCH, Abolghasem – *Gènes et mythes littéraires. Pour un modèle biologique du dynamisme mythique*. Grenoble: Université de Grenoble, 2011. Tese de doutoramento. Disponível em <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00596834/document> [consultado a 12 de novembro de 2024]. É, de resto, para este caminho que também apontam os trabalhos do neurocientista António Damásio quando, no seu recente ensaio *A Estranha Ordem das Coisas*, demonstra claramente a função homeostática da maioria das práticas culturais, a começar por esta atividade extremamente arcaica (verdadeira “obsessão do cérebro”, segundo Damásio) que consiste em contar histórias e em organizar a nossa experiência e a nossa memória de forma narrativa. DAMÁSIO, António – *A Estranha Ordem das Coisas. A Vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2017.

⁶³ GÉLI, Veronique – *L'Invention de la mythologie*. Paris: Galimard, 1981, 232-233.

⁶⁴ KIBEDI VARGA, Áron – “Mythe, texte, genre”. in V. Gély-Ghedira (ed.) – *Mythe et récit poétique*. Clermont-Ferrand: Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines, 1998, 65-74, aqui pp. 71-72.

⁶⁵ Uma ferramenta interessante para detetarmos sequências narrativas de contornos míticos consiste em observar as formas (mais ou menos cristalizadas) que foram assumindo no folclore. Veja-se, neste sentido, o importante trabalho de GUERREAU-JALABERT, Anita – *Index des motifs narratifs dans les romans arthuriens français en vers, XII^e-XIII^e siècles*. Genebra: Droz, 1996, com base no modelo tipológico elaborado por Stith-Thompson (*Motif-Index of Folk-Literature*).

motivos, expressões cuja recorrência/redundância pode ser sintomática da presença discreta ou invisível, mas não menos atuante, do mito na própria estrutura profunda da obra. Estas redundâncias podem ocorrer tanto a nível da macroestrutura da narrativa (sequência narrativas paralelas, simétrica ou especularmente invertidas) como a nível morfológico ou sintático (lógica formulística, nomes próprios com sonoridades semelhantes, recurso habitual à dupla adjetivação sinonímica, etc.). Trata-se, em suma, de perscrutar essas “metáforas obsidianas” de que falara Charles Mauron⁶⁶ na tentativa de descobrir a coerência de um ou vários cenários míticos que desenham o imaginário característicos de uma obra ou de um autor⁶⁷. Através deste instigante trabalho, o mito apresenta-se ao mesmo tempo como inconsciente (ou impensado) textual e vasta memória cultural cuja exploração implica uma verdadeira arqueologia da narrativa.

No domínio específico da literatura francesa medievale e cruzando os instrumentos da antropologia cultural, da filologia e da mitologia comparada de Georges Dumézil, tem sido este o enfoque teórico-metodológico que tem caracterizado o trabalho de autores como Claude Lecouteux, Joël Grisward, Philippe Walter ou, mais recentemente, Karin Ueltschi⁶⁸. Para Philippe Walter, por exemplo⁶⁹, um dos equívocos que tem imperado nos estudos literários medievais consiste precisamente em tentar impor aos textos, nomeadamente arturianos, lógicas hermenêuticas inadequadas porque profundamente alheias ao universo cultural no qual emergem (uma narratologia abstrata, um “psychologisme béat”, um historicismo ingénuo ou uma psicanálise sumária), em vez de privilegiar uma recentração no mundo celta e na sua matriz indo-europeia que permanece viva no Cristianismo popular medieval (e não só) nas suas mais variadas manifestações (das tradições calendares às lendas hagiográficas, passando pelos cultos da natureza, etc.). Desvendar, por detrás dos diversos estratos da memória poética da narrativa arturiana, a pregnância do mito celta (sempre presente de “forma impura”) e da tradição oral através do levantamento de núcleos narrativos estruturantes (“grappes de motifs”) cuja importância sobressai através da forma como se repetem em torno de variações sobre o mesmo ao longo do texto (o fenómeno de recorrência ou de redundância devendo ser analisado, nesta perspetiva, não tanto como um

⁶⁶ MAURON, Charles – *Des métaphores obsédantes au mythe personnel. Introduction à la psychocritique*. Paris, José Corti, 1963.

⁶⁷ Aquilo a que Helder Godinho chama o “mitoestilo”: GODINHO, H. – *O Mito e o Estilo: Introdução a Uma Mitoestilística*. Lisboa: Presença, 1982.

⁶⁸ UELTSCHI, Karin – *La Main coupée. Métonymie et mémoire mythique*. Paris: Honoré Champion, 2010; UELTSCHI, Karin – *Le Pied qui cloche ou le lignage des boiteux*. Paris: Honoré Champion, 2011; UELTSCHI, Karin – *Mythologie des boiteux et du pied fabuleux. Œdipe, Jacob, Mélusine & C^o*. Paris: Imago, 2019.

⁶⁹ De entre a vasta obra deste autor, vejamos as reflexões que servem de introdução a WALTER, Philippe – *Dictionnaire de mythologie arthurienne*. Paris: Imago, 2014. A introdução está disponível em linha: https://books.google.pt/books?id=E5HdDQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false (consultado a 12 de novembro de 2024).

processo retórico-estilístico, mas como uma “*manière particulière de pensée*” que molda a própria sintaxe do texto medieval), implica sondar arqueologicamente as imagens constitutivas da narrativas, já que os vestígios míticos podem inscrever-se tanto nos contornos familiares ou, pelo contrário, profundamente estranhos de uma sequência narrativa, como através da descrição de um lugar ou de uma paisagem, nas indicações temporais ou toponímicas; tanto através da genealogia das personagens como através dos seus atributos característicos (a força violenta de Guillaume d’Orange e o *tinel* de Rainouart, o “arco-que-nunca-falha” de Tristão e a sua aptidão em falar a linguagem dos pássaros, a astúcia de Renart, etc.).

Estudar a presença e a pregnância do mito nos textos medievais não significa assim mostra-se atento apenas a zonas de continuidade (ou seja, de complementaridade e de reforço semântico mútuo) entre a memória mítica e narrativa medieval. Implica também observar os hiatos, as lacunas, as assimetrias, as tensões e as contradições (ou *contradictions*, usando um termo particularmente caro a Roger Dragonetti⁷⁰) entre o mito e a superfície narrativa subordinada ao *ethos* feudal e cristão. Implica finalmente uma atenção acrescida aos aspetos residuais ou *in-significantes* do texto, a começar pelo nome próprio das personagens enquanto veículo e pilar frequente do mito (veja-se o exemplo do rei Artur em cujo nome e genealogia Philippe Walter descobre uma complexa e coerente mitologia indo-europeia ligada ao culto cósmico do urso⁷¹). Mas também a imagem ou o objeto que representa (denotativa ou metaforicamente) pode veicular um condensado mítico, toda a imagem possuindo uma “narratividade latente”⁷². Partindo dos estudos de Marcel Detienne sobre o mito político-religioso da oliveira no mundo grego e os de Louis Gernet sobre os *amalgata* (objetos de valor) na Grécia arcaica, John Scheid e Jesper Svenbro vão ainda mais longe neste sentido, explorando a possibilidade de existir um mito desprovido de qualquer dimensão narrativa. Fundamentando esta hipótese na análise dos mitos sobre a fundação de cidades (Cartago, Alexandria), a invenção de alguns objetos (como a lira ou o tecido⁷³) e as fontes narrativas sobre a origem de certos nomes como o de Édipo, os autores concluem que “le mythe ne s’incarne pas nécessairement dans ce ‘récit fabuleux’ traditionnellement considéré comme la matière même qui sert à fabriquer du ‘mythologique’. Il pourrait se condenser en un simple et seul objet qui en constituerait pour ainsi dire le noyau dur,

⁷⁰ DRAGONETTI, Roger – *Le Mirage des sources. L’art du faux dans le roman médiéval*. Paris: Seuil, 1987, 112.

⁷¹ WALTER, Philippe – *Arthur : lours et le roi*. Paris: Imago, 2002.

⁷² Brunel, “Mythe et littérature...”, 31. Sobre esta narratividade da imagem associada à dimensão mediadora da narrativa na construção do amor, vejamos também as reflexões de GODINHO, Helder – “Les pouvoirs du récit”, *Iris*, 34 (2013), número de homenagem a Gilbert Durand, 55-67.

⁷³ No caso da narrativa medieval, pensamos em todos esses objetos há pouco referidos – espadas, cálices, tecidos preciosos, joias, mantos exóticos, etc. – que circulam intensamente entre textos e culturas e narrativas.

voire même la matrice”⁷⁴. Nesta perspectiva, é a atividade mito-lógica que transforma um primeiro significante (objeto ou nome próprio) – vasto reservatório de significados concatenados em associações simbólicas preexistentes (p. 16-17) – num discurso narrativo que se apresenta, de certo modo, como glosa, incessantemente reinventada, de um substrato/núcleo mítico primitivo. A narrativa mitológica apresenta-se, por conseguinte, como infinito desdobramento das potencialidades semânticas (por vezes contraditórias) já contidas na imagem/objeto-mito⁷⁵ que subsume as transformações temporais, poéticas e ideológicas que o objeto literário vai conhecendo.

A partir do século XIII, com a emergência da ficção em prosa, a poesia medieval tende indubitavelmente a afastar-se da voz do conto para privilegiar, cada vez mais, numa dinâmica da escrita assente na figura do livro e numa assumida lógica da intertextualidade. Ao mesmo tempo que sofrem um acentuado processo de cristianização da matéria arturiana, os grandes ciclos em prosa procuram assim distanciar-se do “canto profundo” e sedutor dos mitos⁷⁶. A diluição do mito num *ethos* de dominante escatológica e logocêntrico não conduz, no entanto, ao seu desaparecimento. Apenas à sua metamorfose.

Estas considerações em torno da relação entre o mito e imagem convidam-nos a olhar sob um novo prisma essa curiosa “image cachée sous le tapis”⁷⁷ que é o *topos*, uma figura que tantas vezes nos limitamos a identificar e a listar na análise de um texto literário, como se o simples ato de nomear e de classificar resolvesse por si só a questão da significação. No entanto, se nos distanciarmos de uma conceção puramente tipológica e ornamental da retórica, intuímos claramente que o lugar-comum – como espaço de encontro e de re-conhecimento por excelência – é uma figura extremamente paradoxal, na medida em que surge, ao mesmo tempo, como emblema da fixidez que garante a continuidade de uma memória/tradição poética que

⁷⁴ SCHEID, John; SVENBRO, Jesper – *La Tortue et la lyre. Dans l'atelier du mythe antique*. Paris: CNRS Éditions, 2014, 12.

⁷⁵ Donde se conclui que “C’est grâce à l’agrégat mythique qu’on peut découvrir les possibilités offertes par l’imaginaire, c’est grâce à lui qu’on peut explorer cet imaginaire de façon inédite, c’est grâce à lui que, sans cesse, on peut ‘inventer’ la culture” (Scheid e Svenbro, *La Tortue et la lyre...*, 217).

⁷⁶ Ver THOMAS, Joël – “Le ‘chant profond’ des mythes gréco-romains : état des lieux et perspectives méthodologiques”, *Cadernos do CEIL. Revista Multidisciplinar de Estudos sobre o Imaginário* [em linha], 1 (2011), 2-27. Disponível em <https://ielt.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/2018/03/narrativas-e-mediacao-numero-1-setembro-2011-1.pdf> [consultado a 12 de novembro de 2024].

⁷⁷ As reflexões de Alain Labbé sobre a topografia do palácio épico são perfeitamente aplicáveis à análise da tópica literária em geral: “Pour stéréotypée qu’elle soit, la topographie palatine et castrale des chansons de gestes n’en est pas moins signifiante; nous serions même tenté de dire qu’elle ne l’en est que davantage, dans la mesure où le recours aux *topoi* désigne l’un des lieux d’écriture où, plus lisibles sans doute à nos yeux qu’elles ne le furent aux poètes eux-mêmes, émergent le plus nettement des structures profondes de l’imaginaire [...]. Sans pour autant forcer le texte, il est loisible d’y discerner l’obscur, d’y déchiffrer ce qui, sous le voile de l’implicite, s’énonce dans l’innommé : sens au-delà du sens accessible en scrutant en quelque sorte l’envers du récit, là où parfois se dessine plus vraie, plus vive en son involution, l’image dans le tapis” (LABBÉ, Alain – “De la cuisine à la salle : la topographie d’*Aliscans* et l’évolution du personnage de Rainouart”. in Jean Dufournet (ed.) – *Mourir aux Aliscans. Aliscans et la légende de Guillaume d’Orange*. Paris: Champion, 1993, 209-225, aqui p. 209).

Ernst-Robert Curtius tão meticulosamente estudou na sua obra clássica publicada em 1947 (*Literatura Europeia e Idade Média Latina*) e como figura da mobilidade e da deslocação constantes. Objeto de múltiplas anamorfozes suscitadas pela sua reiterada apropriação em vários contextos temporais, geográficos, ideológicos e culturais, os *topoi* são ao mesmo tempo a face do Mesmo e do Outro, da familiaridade e da diferença. Como espaço de convergência da palavra e da imagem, do *mythos* e do *logos*, o *topos* caracteriza-se também por uma notável densidade (saturação) semântica, a sua eficiência simbólica e poética explicando-se precisamente pelos vários estratos culturais e narrativos (fragmentos míticos, memórias intertextuais, etc.), geralmente de origem geográfica diversa, que se sobrepõem e desdobram à superfície da imagem tópica. A análise do *lugar-comum* incita, por conseguinte, a uma autêntica arqueologia (no sentido foucaultiano) do signo, semelhante à que Georges Didi-Huberman⁷⁸ propusera para a imagem concebida como matriz permanentemente aberta, lugar de vestígios múltiplos e heterogêneos, arquivo, sintoma, incorporação, sobrevivência (*survivance*) fantasmática das profundezas do tempo, tensão permanente, nó górdio tecido de anacronismos.

Sublinhar a pregnância do pensamento mítico-simbólico no seio das dinâmicas poéticas na Idade Média permite voltar a fazer da literatura o espaço privilegiado do diálogo interdisciplinar e do encontro inter- ou transcultural (o mito é uma entidade absolutamente emblemática a este respeito) e adotar uma hermenêutica baseada numa epistemologia da abertura que lê o texto como um objeto heterogêneo e proteiforme marcado por uma intensa dinâmica de circulação geográfica, temporal, cronológica e narrativa de temas, motivos e sequência que complexificam, aprofundam e, não raras vezes, rasgam a superfície do texto. Trata-se, em suma, de “pluralizar o texto”⁷⁹, abrindo-o a uma multiplicidade de textos possíveis (ou latentes no espaço denso do não-dito de cada variante ou de cada vestígio mítico), sem, no entanto, abdicar da construção de um sentido tão coeso quanto possível para o texto.

O substrato mítico dos textos pode manifestar-se, aqui também, tanto a nível macroestrutural (percurso do herói, tipologia dos espaços percorridos; temporalidades da ação; estruturação da narrativa, etc.) como a nível microestrutural (topónimos e antropónimos, marcadores temporais, gestos e atributos das personagens, objetos e expressões metafóricas, microseqüências, jogos sobre os significantes da linguagem, etc.), desenhando-se assim dois planos (ou níveis) possíveis através dos quais é possível questionar e explorar os textos. Que as narrativas assumam plenamente o

⁷⁸ Ver, entre outros escritos sobre esta questão, DIDI-HUBERMAN, Georges – *L'Image survivante. Histoire de l'art et temps des fantômes selon Aby Warburg*. Paris: Éditions de Minuit, 2002; DIDI-HUBERMAN, Georges – *L'Image ouverte. Motifs de l'incarnation dans les arts visuels*. Paris: Gallimard, 2007, 25, 27, 32).

⁷⁹ Sobre este conceito, ver as interessantes propostas para uma valorização das variantes na interpretação da *Odisseia* de Homero proposta por de ESCOLA, Marc; RABAU, Sophie – “Comme des cochons. La bibliothèque de Circé”, *Acanthe* 24-25 (2008), 1-26. Disponível em https://www.fabula.org/atelier.php?Biblioth%26egrave%3Bque_de_Circ%26eacute%3B [consultado a 12 de novembro de 2024].

seu estatuto de *fabula* ou que procurem exorcizar o espectro da ficção procurando a sua legitimação do lado da *estoire*, do *exemplum* moral ou do tratado, convirá nunca perder de vista que o texto medieval (tanto na sua materialidade literal como através da história que nos conta) não passa de uma superfície epidérmica, de um invólucro (obstáculo e mediação, por vezes sedutor e enganador) que o trabalho exegético, recorrendo não só às práticas de leitura medievais⁸⁰ mas também às ferramentas e modelos teóricos e conceptuais de que hoje dispomos, deve transpor se pretender alcançar o sentido profundo do mito.

Esta é, de resto, no século XII, a lição da *fabula* enquanto *integumentum* que transparece claramente em autores como Guilherme de Conches (nomeadamente nos comentários sobre Boécio) ou Bernardo Silvestre: lição que, depois de renovada por São Tomás de Aquino no século XIII, guardará toda a sua vitalidade a atualidade pelo menos até ao Renascimento. Perscrutar o motivo, ou seja, a imagem tópica cristalizada no texto (a espada de Roland forjada por Galand, por exemplo), como um aglomerado narrativo no qual convergem e se sedimentam vários estratos míticos e tradições narrativas plurais, não implica acentuar a clivagem (artificial e inoperante) entre abordagem semiótica-discursiva ou retórica e abordagem simbólica através da qual o *logos* volta a virar costas ao *mythos*. Com efeito, se todo o símbolo incarna e se reconfigura através de uma forma/matéria discursiva e linguística constantemente remodelada pelo poeta, perspectiva semiológica e estrutural (no sentido mais amplo dos conceitos) e perspectiva oferecida pelo estudo do imaginário simbólico, não devem constituir abordagens antagónicas, mas antes concomitantes e complementares ao serviço de uma leitura pluralizante, holística e compreensiva do texto medieval, logo mais humanista também, na esperança de ouvirmos e percebermos esses difusos e longínquos “rumores de um tempo incerto”⁸¹ que dele ecoam.

⁸⁰ Referimos naturalmente aos quatro sentidos da Escritura (histórico, alegórico, tropológico e anagógico) estudados na obra clássica de LUBAC, Henri de – *Exégèse médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*. Paris: Aubier-Montaigne, 2 vols., 1959.

⁸¹ Nascimento, “Idade Média...”, 28.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMGARTNER, Emmanuèle – *Le Tristan en prose. Essai d'interprétation d'un roman médiéval*. Genebra: Droz, 1975.
- BLUMENBERG, Hans – *La Raison du mythe*. Paris: Gallimard, 1985.
- BOUCHERON, Patrick – *Histoire mondiale de la France*. Paris: Éditions du Seuil, 2017.
- BOUJU, Emmanuel – “Avant-propos. Pourquoi ‘French Global’, ici, maintenant ?”. in Christie McDonald; Susan R. Suleiman (eds.) – *French Global. Une nouvelle perspective sur l'histoire littéraire*. Paris: Classiques Garnier, 2015, 7-9.
- BRUNEL, Pierre – “Mythe et littérature”. in E. Leonardy (ed.) – *Mythe et littérature*. Bruxelas: Université de Louvain, 1994, 29-40.
- BRUNEL, Pierre – *Mytocritique. Théorie et parcours*. Paris: PUF, 1992.
- BUESCU, Helena Carvalhão – *Experiência do Incomum e Boa Vizinhaça. Literatura Comparada e Literatura-Mundo*. Porto: Porto Editora, 2013.
- BUSBY, Keith – *Codex and Context. Reading Old French Verse Narrative in Manuscript*. Amesterdão: Rodopi, 2002.
- BUSBY, Keith – *Towards a Synthesis? Essays on the New Philology*. Amesterdão: Rodopi, 1993.
- CALAME, Claude – *Illusions de la mythologie*. Limoges: PULIM, 1991.
- CAMPBELL, Kimberlee – “Speaking the Other. Constructing Frenchness in Medieval England”. in Christie McDonald; Susan R. Suleiman (eds.) – *French Global. A New Approach to Literary History*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2010, 179-192.
- CARRETO, Carlos – “Global Middle Ages ou as virtudes do anacronismo. A lição do texto medieval”. *E-Letras com Vida* [em linha], 2 (2019), 118-149. Disponível em <https://e-lcv.online/index.php/revista/article/view/66/47> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- CASSIRER, Ernst – *La Philosophie des formes symboliques*. Vol. 2. *La Pensée mythique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.
- CERQUIGLINI, Bernard – “Une nouvelle philologie ?” [em linha]. Disponível em <http://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/000601/cerq.htm> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- CLASSEN, Albrecht (ed.) – *Paradigm shifts during the global Middle Ages and Renaissance*. Turnhout: Brepols, 2019.
- COMPAGNON, Antoine – *La Littérature, pour quoi faire ? Leçon inaugurale prononcée le jeudi 30 novembre 2006* [em linha]. Paris: Collège de France, 2007. Disponível em <http://books.openedition.org/cdf/524> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- DAMÁSIO, António – *A Estranha Ordem das Coisas. A Vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2017.

- DELALE, Sarah – “La transmission universitaire des textes médiévaux : pleine propriété ou usufruit d’un héritage ? Imaginaires critiques du proche et du lointain”, *Perspectives médiévales* [en linha], 36 (2015). Disponível em <http://journals.openedition.org/peme/7454> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix – *Capitalisme et Schizophrénie*. Vol. 2. *Milles plateaux*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.
- DIAS, Isabel Barros, et al. (ed.) – *O Medievalismo no Século XXI*. Berlim: Peter Lang, 2020.
- DIDI-HUBERMAN, Georges – *L’Image ouverte. Motifs de l’incarnation dans les arts visuels*. Paris: Gallimard, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges – *L’Image survivante. Histoire de l’art et temps des fantômes selon Aby Warburg*. Paris: Éditions de Minuit, 2002.
- DRAGONETTI, Roger – *La Technique poétique des trouvères dans la chanson courtoise. Contribution à l’étude de la rhétorique médiévale*. Bruges: De Tempel, 1960.
- DRAGONETTI, Roger – *La Vie de la lettre au Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.
- DRAGONETTI, Roger – *Le Mirage des sources. L’art du faux dans le roman médiéval*. Paris: Seuil, 1987.
- DRONKE, Peter – *Fabula: Explorations into the Uses of Myth in Medieval Platonism*. Leiden: E. J. Brill, col. *Mittellateinische Studien & Texte*, 1974.
- DUBOST, Francis – *Aspects fantastiques de la littérature narrative médiévale, XII^e-XIV^e siècles. L’Autre, l’Ailleurs, l’Autrefois*. Paris: Honoré Champion, 1991.
- DURAND, Gilbert – “Pérennité, dérivations et usure du mythe”. in J. Hani (ed.) – *Problèmes du mythe et de son interprétation. Actes du colloque de Chantilly des 24-25 avril 1976*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- EDLICH-MUTH, Miriam (ed.) – *Medieval Romances Across European Borders*. Turnhout: Brepols, 2018.
- ESCOLA, Marc; RABAU, Sophie – “Comme des cochons. La bibliothèque de Circé”, *Acanthe*, 24-25 (2008), 1-26. Disponível em https://www.fabula.org/ressources/atelier/?Biblioth%26grave%3Bque_de_Circ%26acute%3B [consultado a 12 de novembro de 2024].
- ESPAGNE, Michel – “L’invention de la philologie. Les échos français d’un modèle allemand”. *Histoire, Épistémologie, Langage*, 19, 1 (1997), 121-134.
- FISH, Stanley – *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities*, Cambridge/Londres, Harvard University Press, 1990.
- FLEITH, Barbara, et al. – “Penser la textualité médiévale. Héritage critique et questions de méthode”. in Barbara Fleith et al. (ed.) – *De l’(id)entité textuelle au cours du Moyen Âge tardif, XIII^e-XV^e siècle*. Paris: Classiques Garnier, 2017, 9-59.

- GALLY, Michèle; FERRÉ, Vincent – “Médiévistes et modernistes face au médiéval”, *Perspectives médiévales* [em linha], 35 (2014). Disponível em <http://journals.openedition.org/peme/5761> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- GÉLI, Véronique – *L’Invention de la mythologie*. Paris: Galimard, 1981.
- GÉLI, Véronique – *L’Invention d’un mythe. Psyché : Allégorie et fiction, du siècle de Platon au temps de La Fontaine*. Paris: Honoré Champion, 2006.
- GHIASIZARCH, Abolghasem – *Gènes et mythes littéraires. Pour un modèle biologique du dynamisme mythique*. Grenoble: Université de Grenoble, 2011. Tese de doutoramento. Disponível em <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00596834/document> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- GINGRAS, Francis – *Le Bâtard conquérant. Essor et expansion du genre romanesque au Moyen Âge*. Paris: Champion, 2011.
- GINGRAS, Francis – *Profession médiéviste* [em linha]. Montréal: Presses de l’Université de Montréal, 2014. Disponível em <http://books.openedition.org/pum/192> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- GODINHO, Helder – “Les pouvoirs du récit”. *Iris*, 34 (2013), número de homenagem a Gilbert Durand, 55-67.
- GODINHO, Helder – *O Mito e o Estilo: Introdução a Uma Mitoestilística*. Lisboa: Presença, 1982.
- GOODY, Jack – *La Raison graphique*. Paris: Minuit, 1979.
- Groupe MDRN – “Pour une nouvelle approche de la dynamique littéraire (Pense-bête)”, *Fabula-LhT* [em linha], 11 (2013). Disponível em <http://www.fabula.org/lht/11/modern.html> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- GUERREAU-JALABERT, Anita – *Index des motifs narratifs dans les romans arthuriens français en vers, XII^e-XIII^e siècles*. Genebra: Droz, 1996.
- GUIETTE, Robert – *D’une poésie formelle au Moyen Âge*. Paris: Nizet, 1972.
- HAIDU, Peter – *Aesthetic Distance in Chrétien de Troyes: Irony and Comedy in Cligés and Perceval*. Genebra: Droz, 1968.
- HAIDU, Peter – *Lion-Queue-Coupée. L’écart symbolique chez Chrétien de Troyes*. Genebra, Droz, 1972.
- HERMANS, Erik (ed.) – *A Companion to the Global Early Middle Ages*. Amesterdão: Amsterdam University Press, 2020.
- HOLLIER, Denis (ed.) – *A New History of French Literature*. Harvard: Harvard University Press, 1989.
- HOLLIER, Denis (ed.) – *De la littérature française*. Paris: Bordas, 1993.
- HOLMES, Catherine; STANDEN, Naomi (ed.) – *The Global Middle Ages is the 2018 Past & Present*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- HUCHET, Jean-Charles – *L’Amour discourtois. La “fin’amors” chez les premiers troubadours*. Paris: Privat, 1987.

- HUCHET, Jean-Charles – *Littérature médiévale et psychanalyse. Pour une clinique littéraire*. Paris: PUF, 1990.
- HUCHET, Jean-Charles – *Tristan et le sang de l'écriture*. Paris: PUF, 1990.
- HUET-BRICHARD, Marie-Catherine – *Littérature et mythe*. Paris: Hachette, 2001.
- IMPERIALI, Christophe – “Quelques réflexions autour du ‘mythe littéraire’ et de l’usage qui peut en être fait”. in Christophe Imperiali – *En quête de Perceval. Étude sur un mythe littéraire*. Paris: Honoré Champion, 2019, 13-68.
- JAUSS, Hans-Robert – “Littérature médiévale et expérience esthétique. Actualité des Questions de littérature de Robert Guette”. *Poétique*, 31 (1977), 322-336.
- JOLLES, André – *Formes simples*. Paris: Seuil, 1972 [1930].
- KEENE, Bryan C. (ed.) – *Toward a Global Middle Ages: Encountering the World through Illuminated Manuscripts*. Los Angeles: J. Paul Getty Museum, 2019.
- KIBEDI VARGA, Áron – “Mythe, texte, genre”. in V. Gély-Ghedira (ed.) – *Mythe et récit poétique*. Clermont-Ferrand: Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines, 1998, 65-74.
- KOBLE, Nathalie; SÉGUY, Mireille – “L’audace d’être médiéviste”, *Littérature* [em linha], 148 (2007), 3-9. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-litterature-2007-4-page-3.htm#> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- KRISTEVA, Julia – *Le Texte du roman. Approche sémiologique d’une structure discursive transformationnelle*. Haia/Paris/Nova Iorque: Mouton, 1970.
- LABBÉ, Alain – “De la cuisine à la salle : la topographie d’Aliscans et l’évolution du personnage de Rainouart”. in Jean Dufournet (ed.) – *Mourir aux Aliscans. Aliscans et la légende de Guillaume d’Orange*. Paris: Champion, 209-225.
- LANSON, Gustave – *Histoire de la littérature française*. Paris: Hachette, 1894.
- LEUPIN, Alexandre – *Barbarolexis: Medieval Literature and Sexuality*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- LEUPIN, Alexandre – *Le Graal et la littérature. Étude sur la Vulgate arthurienne en prose*. Paris: L’Âge d’Homme, 1980.
- LUBAC, Henri de – *Exégèse médiévale. Les quatre sens de l’Écriture*. Paris: Aubier-Montaigne, 2 vols., 1959.
- MADDOX, Donald – *Structure and Sacring. The Systematic Kingdom in Chrétien’s Erec et Enide*. Lexington: French Forum, 1978.
- MAURON, Charles – *Des métaphores obsédantes au mythe personnel. Introduction à la psychocritique*, Paris, José Corti, 1963.
- MCDONALD, Christie; SULEIMAN, Susan R. (eds.) – *French Global. A New Approach to Literary History*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2010.
- MCDONALD, Christie; SULEIMAN, Susan R. (eds.) – *French Global. Une nouvelle perspective sur l’histoire littéraire*. Paris: Classiques Garnier, 2015.

- MÉLA, Charles – *La Reine et le Graal. La conjointure dans les romans du Graal de Chrétien de Troyes au Livre de Lancelot*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.
- MORAN, Patrick – “La poétique et les études médiévales: accords et désaccord”, *Perspectives médiévales* [em linha], 35 (2014). Disponível em <http://journals.openedition.org/peme/4439> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- MORATO, Nicola; SCHOENAERS, Dirk (ed.) – *Medieval Francophone Literary Culture Outside France. Studies in the Moving Word*. Turnhout: Brepols, 2019.
- NASCIMENTO, Aires A. – “Idade Média, do outro lado do espelho: os textos e o leitor, por entre trabalhos de breves dias”. in Isabel Barros Dias, *et al.* (ed.) – *O Medievalismo no Século XXI*. Berlim: Peter Lang, 2020, 15-55.
- NISARD, Désiré – *Histoire de la littérature française*. vol. I. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1854. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k28947f> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- POIRION, Daniel – *Le Poète et le prince. L'évolution du lyrisme courtois de Guillaume de Machaut à Charles d'Orléans*. Paris: PUF, 1965.
- RAMLØV FRANDSEN, Stig – “La dialectique de la variance. Nouvelle philologie et stratégies interprétatives du texte médiéval”, *Cahiers de civilisation médiévale*, 190 (2005), 111-127. Disponível em www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ccmed_0007-9731_2005_num_48_190_2903 [consultado a 12 de novembro de 2024].
- REEVES, Charles Eric – “Myth Theory and Criticism”. in Michael Groden, *et al.* (eds.) – *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory & Criticism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994, 520-523.
- RICOEUR, Paul – “Imagination et métaphore”. *Psychologie médicale*, 14 (1982), 1883-1887. Disponível em http://palimpsestes.fr/textes_philo/ricoeur/imagination_metaphore.pdf [consultado a 12 de novembro de 2024].
- RICOEUR, Paul – “Structure et herméneutique”. *Esprit*, 22 (1963), 596-627.
- RICOEUR, Paul – *La Métaphore vivante*. Paris: Seuil, 1997.
- RICOEUR, Paul – *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- RICOEUR, Paul – *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1983.
- RYCHNER, Jean – *La Chanson de geste. Essai sur l'art épique des jongleurs*. Genebra: Droz, 1955.
- SALOMON, Anne – “Mettre en livre. Pour une approche de la littérature médiévale”, *Études françaises*, 53, 2 (2017), 5-25.
- SCHAEFFER, Jean-Marie – “De l'imagination à la fiction?”. *Vox-Poetica. Lettres et sciences humaines* [em linha]. Disponível em <http://www.vox-poetica.org/t/articles/schaeffer.html> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- SCHAEFFER, Jean-Marie – *Pourquoi la fiction?* Paris: Seuil, 1999.

- SCHEID, John; SVENBRO, Jesper – *La Tortue et la lyre. Dans l'atelier du mythe antique*. Paris: CNRS Éditions, 2014.
- SIGANOS, André – “Définitions du mythe”. in D. Chauvin, *et al.* (eds.) – *Questions de mythocritique. Dictionnaire*. Paris: Imago, 2005, 85-100.
- STOCK, Brian – *The Implications of Literacy. Written Language and Models of Interpretation in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Princeton: Princeton University Press, 1983.
- THOMAS, Joël – “Le ‘chant profond’ des mythes gréco-romains : état des lieux et perspectives méthodologiques”. *Cadernos do CEIL. Revista Multidisciplinar de Estudos sobre o Imaginário* [em linha], 1 (2011), 2-27. Disponível em <https://ielt.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/2018/03/narrativas-e-mediacao-numero-1-setembro-2011-1.pdf> [consultado a 12 de novembro de 2024].
- TILLETTE, Jean-Yves – “Un art de lire”. in Olivier Collet, *et al.* (eds.) – “*Ce est li fruis selonc la letre*”. *Mélanges offerts à Charles Méla*. Paris: Champion, 2002, 7-21.
- TODOROV, Tzvetan – “La quête du récit. Le Graal”. in Tzvetan Todorov, *Poétique de la prose (choix), suivi de Nouvelles recherches sur le récit*. Paris: Le Seuil, 1971, 59-80.
- TODOROV, Tzvetan – *La Littérature en péril*. Paris: Flammarion, 2007.
- UELTSCHI, Karin – *La Main coupée. Métonymie et mémoire mythique*. Paris: Honoré Champion, 2010.
- UELTSCHI, Karin – *Le Pied qui cloche ou le lignage des boiteux*. Paris: Honoré Champion, 2011.
- UELTSCHI, Karin – *Mythologie des boiteux et du pied fabuleux. Œdipe, Jacob, Mélusine & Cie*. Paris: Imago, 2019.
- VALETTE, René (ed.) – *Perspectives médiévales. Numéro comemorativo, Trente ans de recherches en langues et en littératures médiévales*, 2005.
- VINAVER, Eugène – *À la recherche d’une poétique médiévale*. Paris: Nizet, 1970.
- WALTER, Philippe – *Arthur : l’ours et le roi*. Paris: Imago, 2002.
- WALTER, Philippe – *Dictionnaire de mythologie arthurienne*. Paris: Imago, 2014.
- ZUMTHOR, Paul – *Essai de poétique médiévale*. Paris: Seuil, 1972;
- ZUMTHOR, Paul – *Introduction à la poésie orale*. Paris: Seuil, 1983.
- ZUMTHOR, Paul – *La Lettre et la voix*. Paris: Seuil, 1987.
- ZUMTHOR, Paul – *La Poésie et la voix dans la civilisation médiévale*. Paris: Seuil, 1984.
- ZUMTHOR, Paul – *Langue, texte, énigme*. Paris: Le Seuil, 1975.
- ZUMTHOR, Paul – *Parler du Moyen Âge*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.